

15.47

CIDADES, ARTE, PATRIMÔNIO, CULTURA

NESTA EDIÇÃO

ARTE E HISTÓRIA

A DIFÍCIL ARTE DE SER CONTEMPORÂNEO

ARQUITETURA E PERCEPÇÃO

MICROCONTOS RECLUSOS

MARÇO A MAIO DE 2020

UM PROJETO PARA BRASÍLIA

BRASÍLIA MUSEU A CÉU ABERTO

Danielle athayde

NOVAS ARTES EM BRASÍLIA

FÁBIO DOURADO

GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA

COZINHA, AFETO E MEMÓRIA

GASTRO CYTIES

OBRIGADA, "CÁPSULA"

SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR

GRATIDÃO É A PALAVRA CERTA

BRASÍLIA EM ORAÇÃO

NATAL DO MENINO JESUS

BRASÍLIA PATRIMÔNIO

ADVOCACIA URBANA POR BRASÍLIA

MÚSICA EM BRASÍLIA

O TOM DA CONVERSA

FEBIPE PORTILHO

CRÔNICAS DO RUBENS

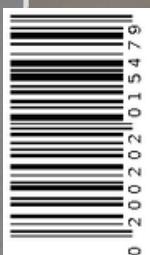
GOURMET É CARO!

REFLETIR, POR QUE NÃO?

REFLEXÃO DE NATAL

SABE O QUE EU PENSO?

BICENTENÁRIO



Dezembro 2020

Edição 01

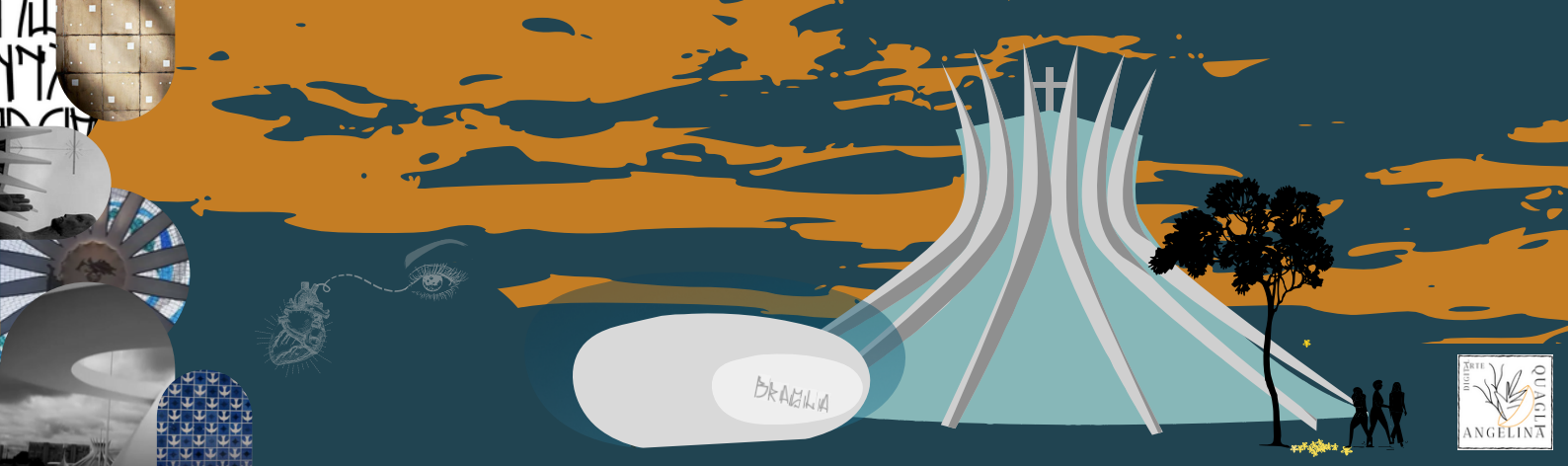
Nº 02



PARABOLOIDE.COM

WWW.PARABOLOIDE.COM

Dezembro de 2020 / Edição 01 / Número 02



Editorial

POR ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

A palavra ressignificar esteve presente na vida de todos nós, neste ano de 2020. No tocante do campo pessoal ou empresarial, todos nós fomos afetados pela COVID 19, pois direta ou indiretamente o mundo viu-se doente, e as vísceras da nossa sociedade foram expostas.

Com isso, reaprendemos a ser humanos, num mundo consideravelmente caótico, que dividiu-se em dois, e pudemos observar aqueles que mostraram-se coletivos, e outros cuja forma de vida não permitiu que enxergassem os demais a sua volta. Ainda vivemos este tempo.

Neste ano em que vivenciamos ainda mais as nossas casas, tivemos tempo para pensar nos nossos trabalhos e projetos, e sobretudo, ressignificá-los!

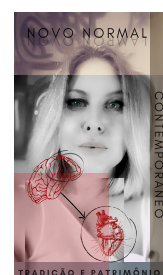
O que era "analógico" tornou-se digital! O que seria presencial, virou home office e vídeo conferência! Planos mudaram, mas a vida seguiu, mesmo com perdas e grandes sustos. Compreendemos o valor da liberdade, que nos faltou por motivos notórios, da igualdade, tendo em vista que foi esta a que realmente gritou aos nossos ouvidos, e da fraternidade, que mostrou-se em tantos corações. Este ano foi de aprendizados e ensinamentos.

Minha intenção (e de toda a equipe) não é a de desanimar nossos leitores, pelo contrário, é lembrar que nos propusemos a ser norte, coordenada, ser ponto de encontro, pretendendo representar Brasília (e outras cidades), além de fomentar as artes, o debate referente ao patrimônio e a cultura, entendendo que tudo isso acrescentará uma enorme bagagem cultural, ressignificando a história de muitos, e a nossa.

Desejamos a vocês um tempo para espairer, distrair-se de tantas adversidades ocorridas em 2020, e acrescentar aos bons fatores da vida, a leitura da REVISTA 15.47!

Aproveitando o tempo de Natal, queremos que recebam esta 2ª edição como um presente, e que cada leitor "desembrulhe" os artigos com carinho! Nela tratamos de arte contemporânea, gastronomia afetiva, de direito urbano, de um belo projetos para Brasília, de música, de contos, homenageamos pessoas amadas e queridas, importantes para a nossa cidade, falamos da percepção do tempo e da pandemia, sobre memória, sobre estar bem consigo e principalmente, sobre compreender a profundidade desta data tão importante, o Natal.

**EM NOME DE TODA A EQUIPE,
PRESENTES OU NÃO NESTA
EDIÇÃO, DESEJAMOS
UM FELIZ NATAL E
PRÓSPERO ANO NOVO!**



Equipe editorial e Convidados



Angelina Nardelli Quaglia

Arquiteta Urbanista, é mestre pela Universidade de Brasília-UnB e pesquisadora nas áreas de acessibilidade e caminhabilidade, história da arquitetura, do urbanismo e das artes, patrimônio, representação e expressão, turístico acessível e arquitetônico e tecnologias de design do século XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria na montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, oferta cursos, projetos de arquitetura, design e cultura como o 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA, estreia como cineasta. Na Revista 15.47, é diretora e coordenadora editorial, assinando as colunas **UM PROJETO PARA BRASÍLIA**, que busca apresentar iniciativas pensadas para o Distrito Federal, estejam estes no campo das artes, do design, da arquitetura ou do urbanismo; e pela coluna **O DESIGN CRIATIVO + "ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA"**, onde traz novidades sobre design, urbanismo, arquitetura e arte urbana.

Patrícia Lunes Ávila e Silva

Historiadora da Arte e Marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte ArtBSB. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog "Sobre Arte e Arrepios" e a recente participação no documentário 60 Olhares sobre Brasília. Na revista 15.47, além de membro do grupo diretor, assinará a coluna **ARTE E HISTÓRIA**, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, trará aos nossos leitores um olhar muito próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



João Diniz

Arquiteto Urbanista mineiro, escritor, poeta e conteudista digital, é professor no curso de arquitetura e urbanismo (FUMEG - MG), mestre em engenharia civil com ênfase em estruturas metálicas (UFOP), e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacional, cenografias, Produção de design, documentários e curtas, livros, dentre outros. Como escritor constam 26 livros já publicados, 27 textos, fora os novos trabalhos, já iniciados. Membro do grupo diretor, também assina a coluna **ARQUITETURA E PERCEPÇÃO**, onde trará debates acerca dos temas que permeiam as observações sobre a cidade, a arquitetura e o indivíduo.



Frederico Flósculo

Arquiteto Urbanista, professor Adjunto da Universidade de Brasília - UnB, mestre e doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), além de escritor.

Entre suas publicações estão os livros Metodologias da Projeção Arquitetônica: Evidências Gráficas, Contos de cartomantes, e Thalija aventuras brasilienses em busca da cidade oculta, este último uma belíssima história em quadrinhos.

Na 15.47 é responsável pela coluna **BRASÍLIA PATRIMÔNIO**, onde tratará de temas sobre assuntos relacionados ao patrimônio Brasília e assuntos voltados a sua preservação, legislação de preservação e demais temas.

Malu Perlingeiro

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela SecultDF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV).

Membro da equipe editorial da 15.47, também escreve a coluna **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA**, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



Rubens Perlingeiro

Historiador, geógrafo, cronista, professor, Oficial de Marinha (graduado em Ciências Navais) e pós-graduado em Ciências Políticas.

Suas publicações comentam de forma bem-humorada o comportamento humano, provocando inúmeras risadas e por vezes, comparações com situações que em algum momento, podemos ter presenciado em nossas vidas, e que nos fazem sorrir. Dentre suas publicações está o livro A Peruca do Defunto. e Outras Situações Improváveis.

Responsável pela coluna **CRÔNICAS DO RUBENS**, e também um dos membros da equipe editorial, trará bons textos sobre temas divertidos do cotidiano, permitindo-nos boas risadas e muita sabedoria.



Jorge Nassar

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA.

Com facilidade para a criação, escreve e dirige como co-criador o projeto CRIATIVAMENTE, direcionado a área de entretenimento digital.

Na revista 15.47 é membro do corpo editorial, e responsável pela coluna **MÚSICA EM BRASÍLIA - O TOM DA CONVERSA**, onde entrevistará músicos brasilienses, atuantes na Capital e fora dela, debatendo temas de relevância nacional e internacional, tratando sobre a boa música e as boas histórias da capital federal.

Renata Correa

Arquiteta Urbanista formada em Brasília, atua na profissão como Arquiteta num dos maiores escritórios de Brasília. Por seu projeto final de graduação foi uma das finalista regionais do Ópera Prima, um concurso nacional de trabalhos acadêmicos de final de curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, com participação aberta aos melhores trabalhos dos alunos já formados.

Responsável pela coluna **NOVOS ARQUITETOS E DESIGNERS**, tratará sobre temas relacionados aos talentos da arquitetura, do urbanismo e do design, bem como apresentar as novidades do mercado na capital federal, e demais cidades brasileiras e mundiais.



Beatriz Berçott

Fotógrafa e designer gráfica, vem ser uma das sócias da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, e auxiliou na formatação do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Atua nas áreas de fotografia e criação, desenho com softwares de arte, criação de maquete 3D, e produção de artes visuais. Também é sócia fundadora da Bia's Photos, onde atua no segmento de fotografia e criação fotográfica, com contratos voluntários e gratuitos, e particulares.

Na revista 15.47 é uma das responsáveis pela diagramação e orientação referente a pesquisa de fotografia e design.

Juliana Rampim Florêncio

Juliana Rampim Florêncio é professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a História da Alimentação Brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama.

Na revista é a responsável pela coluna **GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA**, onde serão tratados assuntos ligados a memória, e as tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal o calor do fogo cozinha junto as panelas, e mantém aquecido o coração.



Luciana Azevedo



Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar.

Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal.

Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã.

Junto a Jézer Junior é a responsável pela coluna **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**, onde nesta revista 115.47 serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.

Jézer Júnior

Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, escritor, palestrante, professor no curso “Escola da Fé” nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese.

Condutor de dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM.

Junto a Luciana Azevedo, é o responsável pela coluna **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**, onde nesta revista 115.47 serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



Maria Helena Costa

Maria Helena Costa é mestre em Arquiteta e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Cocriadora do Carreira e Sucesso - o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação, qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, e despertar em pessoas, formam times e empresas. Acredita que qualquer processo de desenvolvimento específico deve se basear no despontar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na revista 15.47 será responsável pela coluna **SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR**.



André Luiz Berçott



Historiador e pedagogo, trabalha na rede SARAH de hospitais desde 2005. Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela PARAOLOIDE. Incubadora de Ideias e a pela REVISTA 15.47.

Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada.

Na revista, em especial nesta edição, fala na coluna **REFLETIR, POR QUE NÃO?** um pouco sobre a importância da reflexão em tempos de pandemia, em especial neste Natal, quando estaremos pouco próximos de familiares e amigos, fora do círculo de nossas residências, e o quanto a importância do refletir fará a diferença nos próximos anos, dos quais não sabemos como serão.

CONVIDADOS

Antonello Monardo

Um Italiano que mora no Brasil há mais de 25 anos, apaixonado por café!

Barista, criador da empresa MONARDO, e idealizador de belas viagens para a Itália!



←
Saiba mais!

Raul Torres

Coordenador do curso de TURISMO da União Pioneira de Integração Social - UPIS,

trabalha brilhantemente no Ministério das Relações Exteriores do Brasil, e junto a Angelina Quaglia faz parte do CONDETUR-DF.





Feliz Natal!

EQUIPE 15.47.





ARTE E HISTÓRIA
A DIFÍCIL ARTE DE SER CONTEMPORÂNEO
Por PATRÍCIA IUNES ÁVILA e SILVA

ARQUITETURA E PERCEPÇÃO
MICROCONTOS RECLUSOS
Por JOÃO DINIZ

UM PROJETO PARA BRASÍLIA
BRASÍLIA MUSEU A CÉU ABERTO
EXPOSIÇÃO DEDANIELLE ATHAYDE
Por ANGELINA QUAGLIA

NOVAS ARTES EM BRASÍLIA
FÁBIO DOURADO
Por MALU PERLINGEIRO

GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA
COZINHA, AFETO E MEMÓRIA
Por JULIANA FLORÊNCIO RAMPIM

GASTRO CYTIES
OBRIGADA, CÁPSULA"
Por ANTONELLO MONARDO

SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR
GRATIDÃO É A PALAVRA CERTA
Por MARIA HELENA COSTA

BRASÍLIA EM ORAÇÃO
NATAL DO MENINO JESUS
Por LUCIANA FONSECA e JÉZER JUNIOR

BRASÍLIA PATRIMÔNIO
ADVOCACIA URBANA POR BRASÍLIA
Por FREDERICO FLÓSCULO

MÚSICA EM BRASÍLIA
O TOM DA CONVERSA
Por JORGE NASSAR

CRÔNICAS DO RUBENS
GOURMET É CARO!
Por RUBENS PERLINGEIRO

REFLETIR, POR QUE NÃO?
REFLEXÃO DE NATAL
Por ANDRÉ BERÇOTT

SABE O QUE EU PENSO?
BICENTENÁRIO
Por RAUL TORRES





Há situações em nossas vidas que recordamos com carinho!

Faz alguns anos, eram vésperas de Natal, e minha avó não estava bem, não comia nada, e já encontrava-se bastante adoentada. A única coisa que ela desejava comer era aquele creme que os padeiros na VITÓRIA fazem tão bem, para colocar em pães doces e sonhos!

Minha avó morava na 107 Sul, quadra vizinha a da padaria da 108 Sul, e manteve-se por lá até morrer, afinal, minha família foi uma das primeiras a chegar em Brasília, sendo meu avô deputado em 1960, e transferido como todos os outros!

Que grande sorte a nossa a permanência tão próxima a uma padaria repleta de guloseimas, pães deliciosos, tendo Irlete e João Pedro, sempre tão atenciosos e alegres!

Na ocasião minha mãe foi a padaria VITÓRIA, explicou a situação, e de pronto fizeram uma grande quantidade de creme para que minha avó saciasse seu desejo!

Anos depois, a padaria VITÓRIA foi a maior patrocinadora do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA, além de sempre estar presente como patrocinadora da Fundação Athos Bulcão!

Sempre fomos clientes e admiradores, agora mais que nunca, somos agradecidos por tanto amor e carinho derramados por dois grandes corações! Isso reflete nos funcionários, sempre sorridentes, e nos clientes, sempre felizes.

PARA TODOS DA VITÓRIA, UM FELIZ NATAL!

**108 SUL
QI 15 LAGO SUL
AEROPORTO JK**

A DIFÍCIL ARTE DE SER CONTEMPORÂNEO

Por Patrícia lunes de Ávila e Silva

Tarefa desafiadora a de refletir acerca da Arte Contemporânea em suas muitas nuances, seus entremeios e seus grandes desafios. É quase como querer comandar um navio, mas ter acesso ao manual de instruções somente quando se navega em confronto com mar aberto. A aprendizagem e a construção das ideias ocorrem durante o processo de travessia e a resultante é produto da prática, em tempo real. Em outras palavras, é como estar no oceano tendo apenas as estrelas como guia.

Nossa vantagem, enquanto marinheiros das artes, é podermos nos valer de algumas pistas que nos são deixadas pelo caminho. Uma delas é a própria História da Arte (e suas congêneres na Sociologia e Antropologia) que se transforma em bússola imprescindível para revisitarmos comportamentos, tendências pictóricas e movimentos artísticos.

Mas a História da Arte apenas, em seu caráter purista e formal, já não explica ou alcança, em plenitude, as idiosincrasias do que é produzido hoje, no campo das artes visuais. O mundo da experimentação e da ousadia faz jorrar, aos borbotões, novas possibilidades e práticas ao mesmo tempo em que a chamada arte tradicional, figurativa e “confortável” ressurgem desprovida de quaisquer preocupações em parecer deslocada no tempo. Temas relacionados ao academicismo são revisitados, adquirindo nova roupagem, e a diversidade de assuntos e das formas de executá-los imperam nas paredes das galerias, nas instituições formais, nos muros das cidades, nos espaços alternativos e nos ateliês dos artistas.

A variedade de materiais disponíveis, utilizados nas obras, assume igualmente dimensões oceânicas. Observamos tanto o retorno intenso dos pincéis e espátulas (é bem verdade que nunca saíram de fato), potes de tintas e cavaletes quanto dos *assamblages* (1), que permitem o agrupamento ou a justaposição de elementos diversos, como linhas, botões, cacos de vidro, areia, ferro e outros materiais. A multiplicidade de modos do fazer artístico poderia se estender à mesma proporção da criatividade humana, cujos limites poderiam sugerir algo intransponível.

Para muito além das técnicas aplicadas ao objeto tradicional, o hibridismo de suportes também configura como escolha possível, mais uma característica desse nosso momento histórico. Da famosa escultura da cabeça de Marc Quinn (2), feita com o sangue do

artista, até a sequência fotográfica de Ai Weiwei (3), que registra a destruição do milenar vaso chinês, a arte passa a exigir menos objeto e mais abstração, conhecimento político, psicanalítico e filosófico para que se possa desvendar seus inúmeros questionamentos de forma minimamente satisfatória. É a metalinguagem, que prioriza o conceito e a vivência em detrimento das águas rasas e pacíficas do agradável e unilateral prazer contemplativo.



Figura 1 -Cabeça feita com o sangue do artista Marc Quinn



Figura 2 -Ai Weiwei em performance

Mas o processo que nos conduziu, das formas de apreciação e entendimento da obra de arte (como eram realizadas em um passado não tão longínquo) para um estado de suposta anarquia estética, durou cerca de 100 anos, com sucessivas transformações e substituições das vanguardas artísticas de cada período.

É possível observarmos, já nos fins da Arte Moderna, que a espontaneidade e a liberdade de criação passaram a estar visceralmente atreladas ao momento presente e suas sensações. Arriscaria dizer que, na medida em que ascenderam em importância as experiências vividas, as emoções e as teorizações, decresceu, em relevância, o próprio objeto artístico. Essa relação assinala, portanto, um movimento evidente de desmaterialização da obra de arte. O Dadaísmo (4) e o Surrealismo têm inúmeros exemplos que corroboram o surgimento desse novo paradigma.

No entanto, para os que imaginam estarem organizadas cartesianamente e dessalinizadas as análises sobre Arte Contemporânea, gostaria de lembrá-los de que ainda estamos em alto-mar, sem roteiros totalmente seguros, algumas vezes, à deriva. No momento, as ideias

simplistas e superficiais nada poderão nos oferecer além das paliativas boias salva-vidas, exatamente quando o caos já manifesto exige resgate justo, não obstante a complexidade de sua logística de salvamento.

Mesmo em Brasília, cidade com fortíssima verve modernista, essa maneira múltipla de lidar com a arte parece evidente àqueles que estão habituados ao trânsito constante entre artistas e exposições. Quer por uma questão de escolha pessoal, por engajamento ou, simplesmente, por puro deleite estético (aspectos não necessariamente excludentes), fato é que a arte do momento ainda valoriza o trabalho árduo do seu criador, clama por estudo, aperfeiçoamento e dedicação; atestando que o processo criativo, em quaisquer vertentes nas quais atue, não é apenas inspiração, mas também transpiração e conhecimento.

Diante de tamanha pluralidade, eis que surge a uma plateia, muitas vezes perplexa, a questão recorrente e emblemática: então tudo é arte? É certo que não. E como o método da dúvida, importante instrumento de investigação científica, gera sempre novos questionamentos, irrompe outra pergunta, em sequência: Se nem tudo é arte, quem pode dizer o que é e o que não é arte? Qual indivíduo ou instituição estariam amplamente legitimados pela sociedade para apontar os limites que alçariam determinada obra ao pódio dourado da aclamação geral?

São dilemas que fustigam o mundo das artes há décadas. Um autor afirmou, certa vez, que desde o movimento Impressionista, os críticos de arte nunca mais recuperaram, integralmente, o esplendor e a credibilidade de suas ponderações; isso por terem desqualificado obras que, logo adiante no tempo, foram ovacionadas e tidas como verdadeiros marcos históricos de grande relevância para os movimentos artísticos que surgiram posteriormente. Irei além, a crítica de arte não apenas se “equivocou” no referido evento do século XIX, mas antes dele, e segue, em alguns casos, tateando em busca de rumos mais seguros, ainda hoje. Nota-se, em determinadas situações, que a atuação indispensável desses profissionais relevantes titubeia, como se tivessem de cruzar um chão salpicado de vidros partidos. Mas, se algumas das funções da arte são, exatamente, a provocação, a inquirição, o protesto, dentre outros, por qual motivo aqueles cujo papel exige posicionamento pessoal deveriam se abster da manifestação própria, independentemente da perspectiva que tenham de abordar?

Poderíamos esterçar a corda ainda muito mais. Mencionar a engrenagem publicitária que insufla o Mercado de Arte em torno de determinados artistas e o modo como surgiram algumas “bolhas” (jargão do universo *bussines*) em torno de trabalhos e carreiras que

pouco se sustentariam em outras situações, exatamente por não serem suficientemente sólidas. Mas, minha proposta a vocês, leitores, é que giremos o leme à sua posição original, sob risco de não mais encontrarmos o rumo proposto para nossas tergiversações.

Retornemos, pois, ao que nos tem assaltado nos últimos meses. Para muito além das já conhecidas dificuldades de conceituação da Arte Contemporânea (tarefa que, gentilmente, ofereço aos pós-pós-modernos ou àqueles que vierem após o contemporâneo, com a denominação que melhor lhes aprover), aqui estamos nós, apartados dos convívios nas vernissages, nos museus e nas agradáveis visitas aos ateliês. O que dizer dos variados ambientes artísticos nesse momento de pandemia? Seríamos apenas reféns inermes e imobilizados diante do imponderável?

Em nosso socorro, deu-se algo que já ocorria anteriormente à pandemia e que se agudizou nos últimos meses. Galeristas, artistas, curadores, *marchands*, *art-advisors*, leiloeiros e demais gentes tiveram de aprender, rapidamente, a surfar no ambiente tecnológico, quase agressivo, das plataformas digitais, para êxito de seus negócios. Os leiloeiros já estavam, de certa forma, familiarizados com o processo. Desde há algumas décadas, quando se observou certo crescimento nos leilões virtuais, esses profissionais já conheciam muito da sua lógica própria e de seus truques preciosos.

A entrada no mundo digital, agora de modo enfático e profissional, certamente será um marco na maneira de como as negociações financeiras se darão (mais um tema instigante a ser abordado futuramente) e de como o próprio Mercado de Arte reagirá ante os empuxos e demandas de uma nova forma de “consumir” arte, em um ambiente agora explícito, cada vez mais predisposto à objetividade e à transparência.

Nunca a linguagem tecnológica esteve tão mimetizada aos chamados novos hábitos. Se, no mundo exterior, existe a ameaça do infinitamente pequeno; no mundo privativo das residências e *smartphones*, a pandemia de *lives* e outros meios de interação social, via internet, contaminam com a velocidade de um toque.

O que nos ancora ao solo do que é seguro está no fato de compreendermos que essa nova maneira de abordagem favoreceu a difusão rápida e muito bem-vinda do conhecimento. Com certa facilidade, acervos inteiros, obras e pensamentos elaborados pelos próprios artistas puderam ser alcançados. Palestras de *connoisseurs* em conceituadas universidades e conteúdos de qualidade, disponíveis mundo afora, abriram-se diante de um público atordoado pela pandemia e ávido por novidades. Entendo que muitos talvez tenham

imaginado o quão consolador seria para suas vidas caso algo os abduzisse de suas realidades, muitas vezes dolorosas. A agilidade do novo ambiente favoreceu algumas fugas, atendeu aos que quiseram ver e àqueles que ansiavam por serem vistos. Abriu-se o Mar Vermelho para trânsito dos que antes, por limitações várias, não podiam chegar ao outro lado. E o tráfego ocorreu, felizmente, em vários lugares do planeta.

E essa viagem se deu de modo diverso na vida dos nossos artífices. Parte dos artistas recorreu à clausura para depurar seus processos de criação, por meio da introspecção; outros caminharam sobre as águas na tentativa de, ao olhar de cima para baixo, compreenderem o melhor momento para retornarem à faina. Houve ainda os que seguiram com a execução do seu ofício, de modo ativo, por meio de uma produção alucinante, com o objetivo de transformar o momento adverso em novas oportunidades. Na realidade, o mundo das artes plásticas segue na tentativa de avançar sobre o maremoto, atendendo às suas necessidades intrínsecas, na medida do possível.

A grande maravilha da Arte Contemporânea repousa, exatamente, na lógica do seu funcionamento retorcido, arreesado. Como dito anteriormente, no seu próprio caos aparente. Há espaço para o engajamento, para o conceitual, para o divã e também para os que optam por pintar o já conhecido, o fora do tempo presente. Flores, por exemplo, bem aos moldes tradicionais acadêmicos ensinados nas pequenas escolas dos bairros (sem juízos de valor). Há os que mesclam todos esses aspectos. Um certo gênio na História da Arte conseguiu essa alquimia, no século XIX, ao retratar estrelas e Girassóis. A liberdade de criação (ainda que relativa) foi e sempre será uma dádiva celestial concedida à espécie humana.

Na Capital da República, a classe artística, de modo geral, não fugiu às inquietações que castigaram (e ainda castigam) colegas em outros Estados e países. Considerei pertinente expor, no corpo do artigo, o depoimento de duas artistas de gerações diferentes, apesar de próximas. Ambas na mesmíssima embarcação. Cada uma à sua maneira, embebidas no líquido adocicado e viciante do prazer pela arte.

FERNANDA



PACCA

A ARTISTA!

CONHEÇA



[HTTP://FERNANDAPACCA.COM.BR/](http://fernandapacca.com.br/)

Foto: Adriano Distráido

FERNANDA PACCA é uma artista nascida em Brasília, cujo pendor para as artes plásticas deu-se desde a infância. Formada em odontologia, para atender aos imperativos sociais, cria sua primeira obra no mesmo ano em que conclui a graduação. Anos depois, volta-se, integralmente, para a arte, sua verdadeira vocação e paixão. Pacca recebeu prêmios e já expôs em locais como Câmara dos Deputados e Museu Nacional da República, que possui obras da artista em seu acervo. No momento, de seu ateliê na cidade de Pirenópolis-GO, dedica-se à recém lançada Mostra Virtual Polifonia Muda: O grito latente de um corpo em silêncio, com trabalhos inéditos produzidos no período de dezembro de 2019 a novembro de 2020.



Foto: Glenio Lima
Série POLIFONIA MUDA
SOB A PELE DA APARÊNCIA, 2020

As obras de Fernanda Pacca possuem um forte viés afetivo e engajado nas questões sociais. Normalmente, a artista utiliza, para expressar seu manancial criativo, botões, linhas, alfinetes, pregos, lacres plásticos, resina e outros materiais similares.

O resultado é fantástico, impactante; não é de se admirar que tenha obras em diversas coleções particulares e em importantes instituições do país.



Série POLIFONIA MUDA
SOB A PELE DA APARÊNCIA, 2020

Detalhe da obra



Recorte do quadro da série POLIFONIA
MUDA SOB A PELE DA APARÊNCIA, 2020



Foto: Glenio Lima
NÓ NA GARGANTA, 2011.
Mini bonecas, fios de aço inox e
pregos sobre madeira.



Detalhe da obra



Recorte do NÓ NA GARGANTA, 2011

BARBARA PAZ



Foto: Viviane de Moraes

A ARTISTA!

CONHEÇA



A artista brasileira Bárbara Paz recém graduou-se na Universidade de Brasília e já expõe seus trabalhos, de maneira ativa, desde 2018. Em 2019 foi selecionada para participar do II Prêmio Vera Brant de Arte Contemporânea, que divulga novos talentos nas artes plásticas do Distrito Federal. Bárbara Paz tem obras no acervo do Museu Nacional da República e em coleções particulares. Portadora de notório talento, Bárbara se prepara para novos voos no exterior; dando continuidade a projetos que foram interrompidos pela pandemia.

“Tenho como gênese de pesquisa a investigação do toque e a memória das coisas, tensionando os limites da poética em diversos materiais. A relação ao que é externo e conta a história e o que é interno e quer falar com o mundo. Nesse momento tenho o elemento dos tecidos como principal viés dos trabalhos. A pesquisa se desdobra em uma produção de série de objetos, instalações, desenhos, pinturas e esculturas.”



"Toque" - Costura veludo e pelúcias, 2019
Foto: Viviane de Moraes



Sem título
Diálogos com as superfícies,
painel bidimensional. Costura
jornal e tecidos, 2018.
Foto cedida pela autora



Imagem retirada de Prêmio Vera Brant
de arte Contemporânea, 2019

UMA CONVERSA EM MEIO A DOIS GOLES DE CAFÉ

CONTEM-NOS UM POUCO SOBRE SEU PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA DURANTE PANDEMIA. COMO LIDOU COM ESSE MOMENTO EMBLEMÁTICO?

FERNANDA
PACCA

"A pandemia impôs um recolhimento que abriu espaço para um encontro ainda mais intenso com meu processo produtivo. No fim de 2019, já tinha a intenção de me dedicar a uma nova série de obras, quando ainda dividia a rotina do ateliê com a da galeria, em Pirenópolis. Ao aprofundar minhas leituras sobre o feminismo, decidi interromper as atividades na galeria para investir todo meu tempo na produção de novas obras. Essa mudança ocorreu imediatamente antes do início da pandemia."

O isolamento social que se seguiu intensificou ainda mais minha presença no ateliê e deu forma ao projeto "Polifonia muda", um conjunto de obras motivado pelo incômodo de ser mulher em um universo social patriarcal.

Foi o momento de me dedicar integralmente à leitura e produção de obras. Aproveitei também para aprimorar minha técnica de colagem de linhas com pinça. O tempo de maturação das obras é considerável, se comparado a outras técnicas das artes plásticas. As seis obras dessa mostra virtual, por exemplo, levaram de 36 (a mais rápida) a 79 dias (a mais demorada) para ficarem prontas, no intervalo aproximado de um ano, englobando todo o período da pandemia."



Foto: Adriano Distráido / montagem Angelina Quaglia

BARBARA PAZ

“O desenrolar do nosso cenário político horrível e da saúde, acabaram moldando muito o ritmo dos meus processos criativos. Ocorreram muitas pausas na produção e os estudos que vinha realizando tiveram que ser interrompidos. Para que eu conseguisse dar conta das minhas necessidades pessoais e dos cuidados com familiares, outro elemento surgiu: uma grande ansiedade. Então, o processo de fazer, executar o que havia planejado, oscilou muito.

Como eu tenho a sorte de não precisar sair de casa, consegui aproveitar essa oportunidade e me desafiar, fazendo uso de materiais que ainda não havia utilizado. Com a falta de itens, que eu não tinha como repor, passei a expandir as possibilidades com alguns objetos que encontrava ao redor da minha casa, como restos de materiais de construção. Tudo isso teve um lado benéfico importante, pois acabou mostrando que meu trabalho poderia se expandir além da questão dos tecidos, que eu pensava ser a semente de minha pesquisa. Esse momento me colocou em contato com práticas mais íntimas e em pouco tempo, escrever e desenhar foram companhias bem fiéis no cotidiano; também servindo como âncora para que eu permanecesse em uma rotina e com saúde mental. Foi uma nova porta que se mostrou, a partir da qual pude reinventar meus diálogos com novas mídias, redes sociais.

Exposições online e coletivas trouxeram uma nova visão também de possíveis seguimentos para trabalhos futuros (vídeo ,foto, lives) que não eram tão presentes antes. Expandiu novas possibilidades.”

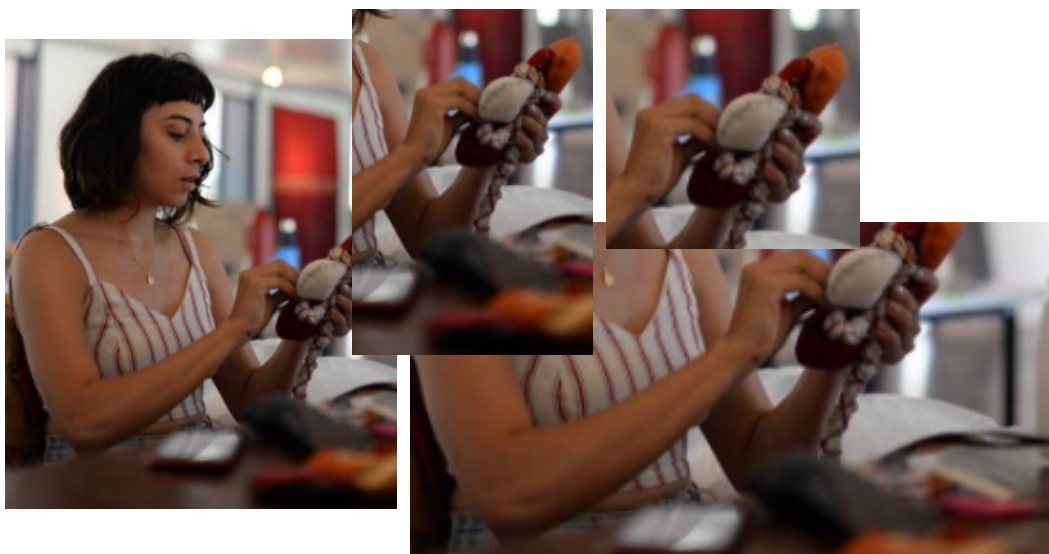


Foto: Prêmio Vera Brant / montagem Angelina Quaglia

Notas:

(1) O termo foi criado e incorporado às artes em 1953 pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901-1985). Faz referência aos trabalhos que, segundo ele, "vão além das colagens".

(2) Marc Quinn, 2006, "Self". Obra de uma série de "Cabeças de Sangue" esculpida com mais de cinco litros de sangue do próprio artista. Quinn fez parte do movimento Brit Art, cujo expoente mais notório foi o também britânico Damien Hirst.

(3) Ai Weiwei em performance, 1995. "Dropping a Han Dynasty Urn."

(4) Dadaísmo: Movimento que surgiu em 1916. Contrário à arte acadêmica, pregava a liberdade, a manifestação espontânea do artista e a não necessidade do significado das coisas. Segundo o artista dadaísta alemão Kurt Schwitters: "Tudo o que um artista cospe é arte (...) a arte está contida em todo e qualquer ato da vida cotidiana, desde que o artista nele se projete por inteiro. Qual a necessidade de criar obras imperecíveis, já que tudo nos representa? In: Bourriaud, Nicolas, Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si. Martins Fontes, São Paulo 2001.



MICROCONTOS RECLUSOS

Por João Diniz
MARÇO A MAIO

1

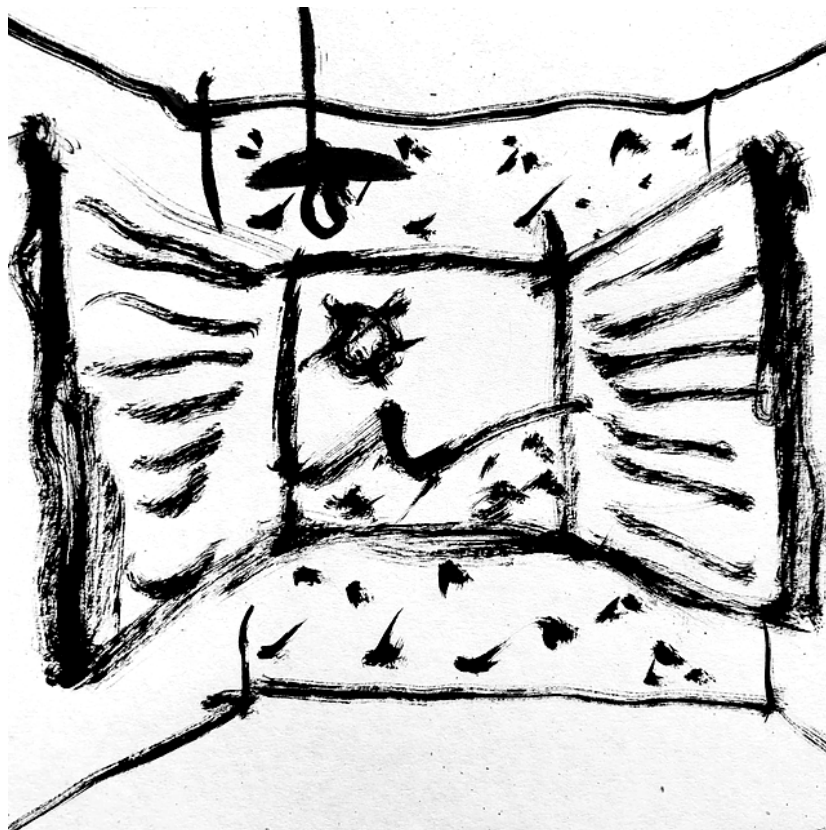
As más notícias são espaçosas e vão além de seu impacto inicial quando muitos assumem a negatividade do momento e passam a emanar o pessimismo e a tristeza.

Nesse momento é positivo acionar o que resta de humanismo e serenidade na postura de cada um, o senso crítico, que nos permite avaliar o presente, não deve ser derrotado.

2

O vírus global veio para revelar o diagnóstico dessa insanidade. Os mais irados, que já estavam contaminados pela intolerância e arrogância, se reconheceram vitimados por seu próprio descalabro mental.

Os demais, em recolhimento tentam se distanciar desse horror buscando reduzir a progressão dessa calamidade.



Croqui: João Diniz para Microcontos Reclusos (1)

3

Quem tanto sonhou com inimigos, perseguições, trincheiras e confrontos armados, não poderia imaginar, nem num pior pesadelo, que uma besta microscópica viria arruinar suas arrogantes certezas e induzir seus desprezados oponentes a baterem panelas de protesto por seus inconsequentes delírios, incomodando seu ouvido seletivo, tal qual ele anteriormente havia estimulado seus discípulos a fazer, para desafiar seus desafetos.

Seriam essas desavenças locais, em um país continental, maiores que a ascendente contaminação globalista.

4

Alguns não criticavam nem eram otimistas. Eram vaidosos e fatalistas, e deixavam dúvidas se agindo assim, estavam impondo uma professoral certeza sobre os fatos, ou se estavam assinando uma sentença fatal destinada a quem pensasse diferente.

5

Nunca pensamos em perdê-lo.

Por pior que fosse o prognóstico sempre haveria o contato, onde ele surgiria como uma ponte conectando tempos.

Agora na incerteza do próximo instante não se sabe se haverá novamente uma data onde todos se abraçarão e cantarão em tranquilidade a existência do futuro.



Croqui: João Diniz para Microcontos Reclusos

6

Acorda-se com a impressão que nada está acontecendo, o céu azul e o sol radiante estão lá, os sons do dia se revelam na atividade por trás das janelas dos domésticos reclusos.

E percebe-se também os noticiários em insistência, os oportunistas em ação, os profetas de várias estirpes em exercício e os políticos se justificando.

A calma aparente da rua é interrompida por um grito aflito de alguém que denuncia um assalto.

7

No plano invisível acontecem as mudanças mais significativas.

O pensamento dirige energias e pode ser multidirecional disseminando sentimentos diversos.

A positividade se sugere como força transformadora emanando o bem comum, desejado além das individualidades.

O isolamento tenta levar a mente ao encontro de si mesma criando coletivamente correntes mentais que propõem igualdade e senso de sobrevivência.

A saúde e a vitalidade nascem na vontade de sua existência e esse desejo pode se revelar além do que se opõe a ele.

8

A dinâmica da atividade mental pode se opor à quietude do corpo num equilíbrio entre criatividade e repouso.

A revolta pode ser substituída pela ação positiva, a tristeza pela esperança, o erro alheio pela tentativa própria, a aflição pela compaixão, o protesto pela indicação do viável.

A sintonia surge na união de expectativas comuns. Um propósito geral e inclusivo pode superar as desavenças passadas num aceno de tolerância.

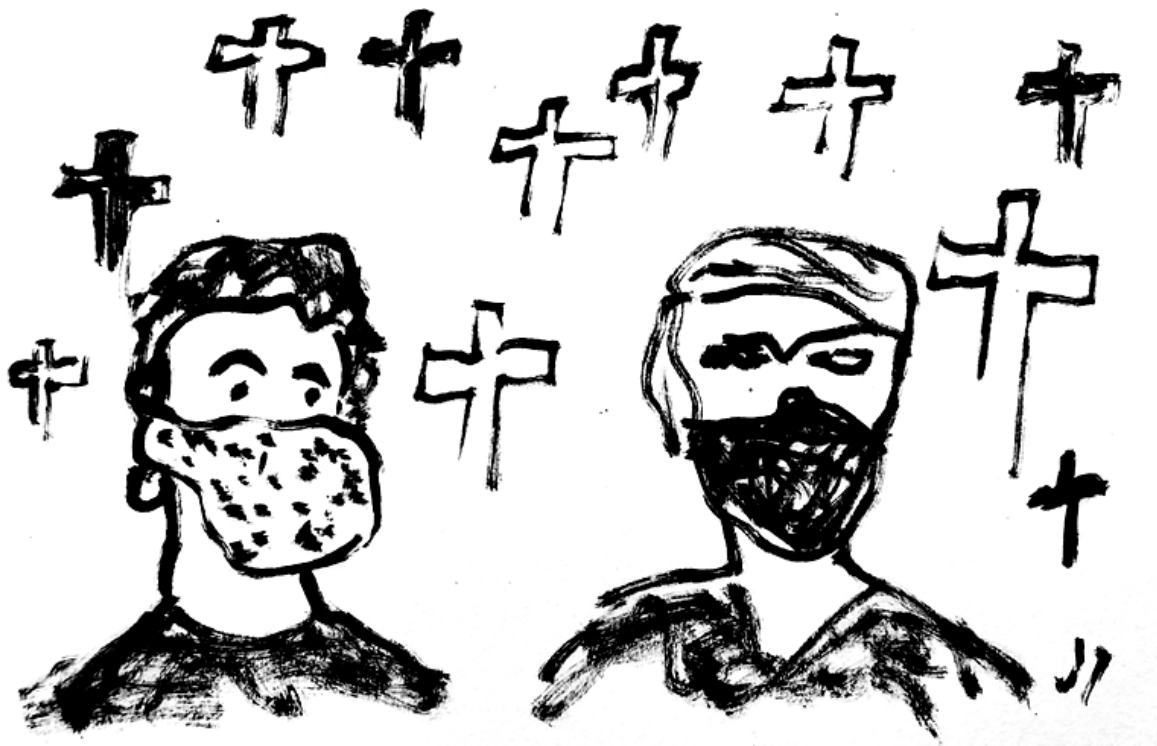
9

Embora os momentos extremos pareçam igualar as pessoas, as reações são distintas e variam entre temor, tristeza, demagogia, sublimação,

Acredita-se que, nessa hora em que estamos fisicamente separados e conjuntamente entregues à nossa condição mais biológica e animal, seja possível uma união abstrata que supere as diferenças anteriores e as revoltas.

Uma corrente de compaixão individual e coletiva se insinua como alternativa para derrotar as contaminações sanitárias e mentais.

Essa perspectiva quase espiritual inaugura um novo afeto social e se completa com o extremo esforço dos que se dedicam fisicamente, numa somatória de gestos heroicos, a diminuir a gravidade da situação.



Croqui: João Diniz para Microcontos Reclusos

10

Como só podemos estar em um lugar de cada vez é possível escolher o espaço da poesia, da utopia, da positividade, do perdão, e da tolerância.

Sabe-se que os lunáticos, que fizeram essa opção, sempre existiram na história, e ao final das crises, são eles que produzem a cultura e as obras que ficaram na memória coletiva.

Não é fácil nem confortável estar aí. Muitos conspiram contra isso, quando não desprezam inferiorizando essa posição.

Os valentes que se debatem em ódios, disputas, antagonismo, negatividade e ataques se consomem como gladiadores e leões no coliseu, ou como um organismo infestado por um vírus letal produzido por si mesmo.

11

Os que pensaram ser os melhores da espécie, os líderes insubstituíveis, os eternos eleitos, se veem numa inesperada situação de transformações onde só se destacarão os, até então não previstos, imprescindíveis.

As condições sociais e tarefas pessoais são diferentes mas um naufrágio levará a pique toda a embarcação incluindo tripulantes e passageiros de todas as classes, independente do preço de suas passagens.

Não é fácil nem confortável estar aí. Muitos conspiram contra isso, quando não desprezam inferiorizando essa posição.

A urgência inverte as prioridades, e o apego ao momento anterior pode significar uma derrota. Os que por missão individual, além da divulgação ou das ideologias, se dedicam ao bem comum serão os artífices que farão a humanidade continuar merecendo o nome que tem.

12

Em um tempo suspenso e interiorizado procura-se justificar cada instante esperando o momento em que, quando tudo isso passar, sairemos na rua e abraçaremos o próximo como se fosse a primeira ou a última vez.

13

Como num corpo espartilhado alguns argumentos separam em lados opostos as questões sociais e econômicas do planeta, como se não fossem complementares e conjuntamente necessários para a sobrevivência humana que já é, por si só, um valor.

O maior ganho nesse momento será uma ampla defesa coletiva distribuindo igualitariamente os lucros até então concentrados nos bolsos mais poderosos.

Não será economizando cuidados que seremos mais eficientes. Em se tratando de prevenção, melhor o excesso que o descaso. Prevenir é acreditar no futuro.

14

As previsões multiplicam exponencialmente as expectativas indicando que o pior está por vir.

Ainda é possível, num frágil presente, supor que teremos capacidade de resistir, e que o ápice do pesadelo estará logo superado.

Os realistas consideram para breve a catástrofe a ser enfrentada, enquanto os negacionistas zombam da ciência ocultando seu desespero.

15

O dia nasce nublado mas os pássaros cantam. Os animais estão livres da contaminação e parecem soprar para os humanos uma balada de fé para afastar o medo.

Na rua poucos veículos seguem em movimento. Os serviços essenciais funcionam com seus ativos trabalhadores imbuídos de solidariedade e eficiência.

As redes sociais estão superativas no invisível espaço digital e convocam, numa meditação planetária, a somatória de energias positivas para abater o desânimo, enquanto o morador recém desperto, alongando seu corpo há dias doméstico, vê pela janela a matinal e quase silenciosa cidade.

16

'Ancestralidade' foi a mensagem da carta mágica retirada após a meditação mundial. Através dela parecia que os antepassados enviavam votos de energia e perseverança aos atuais viventes, que adiante serão também ancestrais de seus descendentes.

Junto à carta o oráculo convidou a um mantra que sugeria uma continuidade entre gerações, e que as vozes presentes na corrente virtual repetiram dizendo:

"honro quem arrou esse caminho que hoje trilho".

17

O recolhimento doméstico da população promove a diminuição da poluição atmosférica, e do stress gerado pela frenética pulsação urbana com seus diários engarrafamentos e acidentes. Ao manter-se em casa as famílias estão convivendo mais e vendo que podem sobreviver com menos ao constatar que é possível existir numa velocidade mais reduzida.

Enquanto isso os muitos socialmente excluídos, que desconhecem o que é um lar, um salário, uma refeição decente ou um medicamento adequado, ficam ainda mais excluídos sem ter nas ruas alguém a quem pedir suas gorjetas.

18

Numa temporada reclusa a espiritualidade flutua próxima e visita as pessoas. Cada um tem sua crença e seus métodos que, no momento de aflição e dúvida aciona o sagrado que está dentro de si.

A fé é múltipla e traz a cada um o conforto, o bem universal, a compaixão, as orações, o silêncio meditativo, as práticas que conectam corpo e mente, numa opção pessoal na polifonia das religiões.

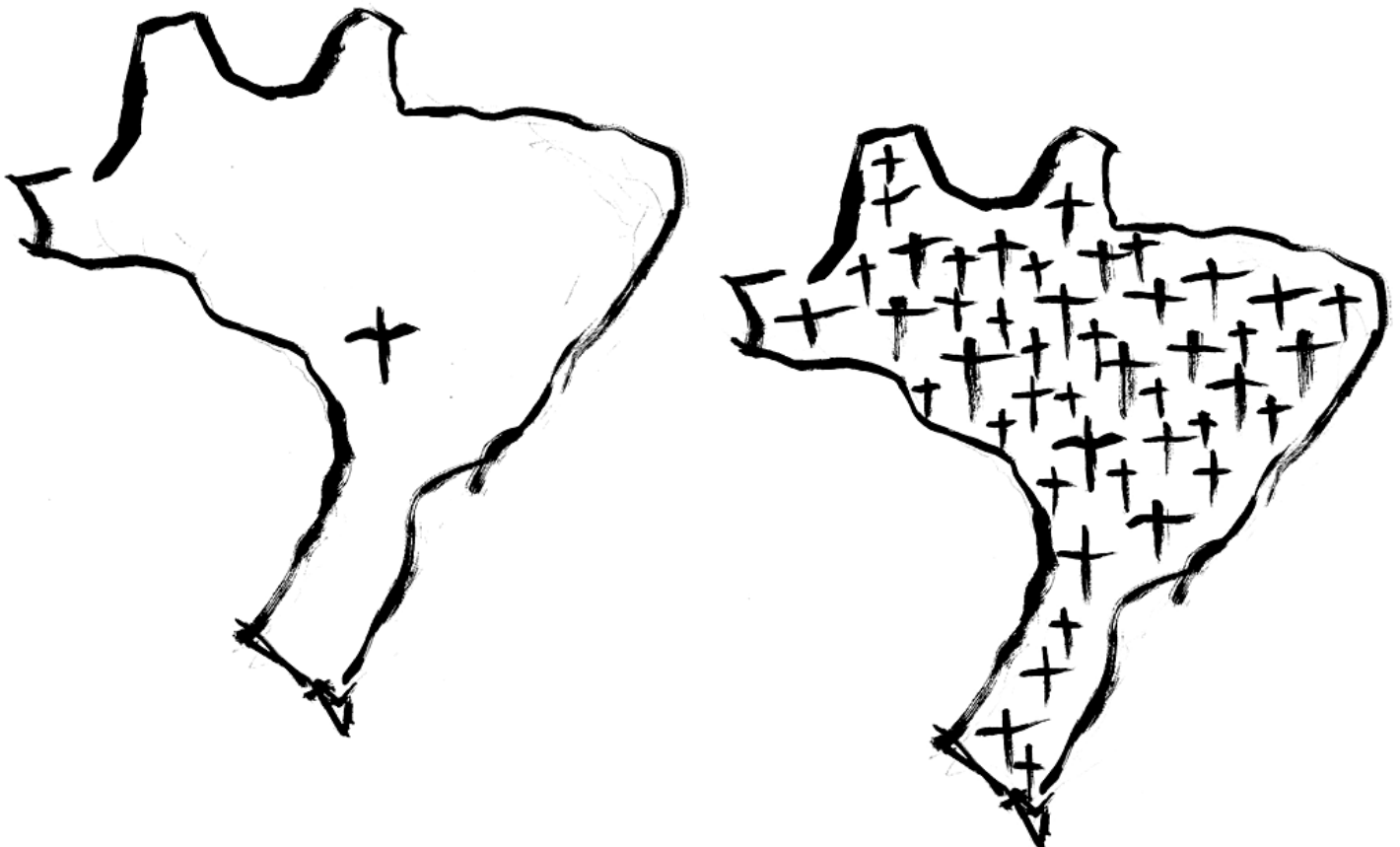
Deste fluxo de energias abstratas e potentes participam também os ateus com seu pragmatismo materialista, e os seguidores de líderes irados que conduzem seus fiéis como um domesticado rebanho.

19

Num panorama infestado que não sabe separar a calamidade pública da vaidade política surgem teorias que variam da lógica ao absurdo. Essas diversas teses discorrem longamente sobre questões científicas, conspiratórias, paranóicas, ocultistas, matemáticas, reacionárias, apocalípticas, progressistas, anarquistas, diplomáticas, financeiras, conservadoras, belicistas, místicas, fraticidas...

As mentes pacatas que ouvem atentas a tudo isso e, não se deixando enganar pela insistência da pregação alheia, emanam em silêncio seu sincero desejo pacificador.

Esses pensamentos conciliadores esperam que nessa balbúrdia ideológica, cada um encontre a sua paz e emita votos de sucesso para que os líderes da hora, nossos democraticamente eleitos comandantes, não deixem que a situação os impeça de ter uma atuação razoável evitando a contaminação de seus egos, dano irreversível para o qual, está provado, nunca existirá um tratamento ou uma vacina.



Croqui: João Diniz para Microcontos Reclusos

20

No meio do pomar a folha flutua como um pássaro em voo circular em torno de um eixo imaginário.

O movimento ritmado acontece como um ensaio ao som de grilos, cigarras e pássaros, e indiferente ao passante que o percebe.

Aquela dança sugere ao olhar que os que se mantem ágeis numa situação de fragilidade devem sua sustentação ao engenho de um outro vivente.

Tal garantia de união entre o ser e seu gesto está nesse instante confiada a um significativo e resistente fio invisível.

21

Com a maioria das pessoas vivendo um mesmo temor, nasce um cidadão global disposto a dividir-se com os demais.

Enquanto um doa sangue, o outro doa dinheiro, ou seu tempo, ou seu trabalho, ou comida, ou sua aflição, ou mesmo sua arte. A solidariedade é a parte positiva das calamidades.

Nesse caso, quem oferece também ganha, ao sentir-se parte de um amor amplo que envolve quase todos, e que tenta convidar os ausentes que ainda se debatem com suas vaidades pensando que poderão se salvar sozinhos.

22

O longo dia passou. O tempo contínuo de auroras e poentes segue seu ritmo preciso apesar dos saltos do pensamento. A profusão de telas luminosas ofusca o olhar num excesso de notícias, como um vírus eletrônico que impede o repouso dos sentidos.

Para promover o descanso noturno, e a descontaminação momentânea frente à pandemia global e midiática, num sono pacato e revigorante, a mente quer aprender a calar-se.

Aí uma intuição de resistência ensina os espíritos pacatos a contemplarem o escuro e, embalados por algum som estimulante, a se distanciarem de suas ideias insones encerrando a vigília diurna.

Essa meditação, ou oração ecumênica, vai solicitar um dormir tranquilo e, talvez, sonhos que imunizem a sobrevivência. Cada um em sua cama embora muitos não as tenham.

23

As estatísticas disparam enquanto o presidente insensível afirma 'e daí...?' Algumas cidades têm seus serviços médicos e funerários em colapso. O cidadão crítico assiste perplexo ao jogo de acusações e vaidades dos políticos inconsequentes.

A canção profunda com o refrão 'e daí' fala das redes de intrigas dos poderosos e dos intestinos rotos dos desfavorecidos trazendo lágrimas aos olhos do rapaz que a ouve olhando pela janela a rua vazia e assustada.

24

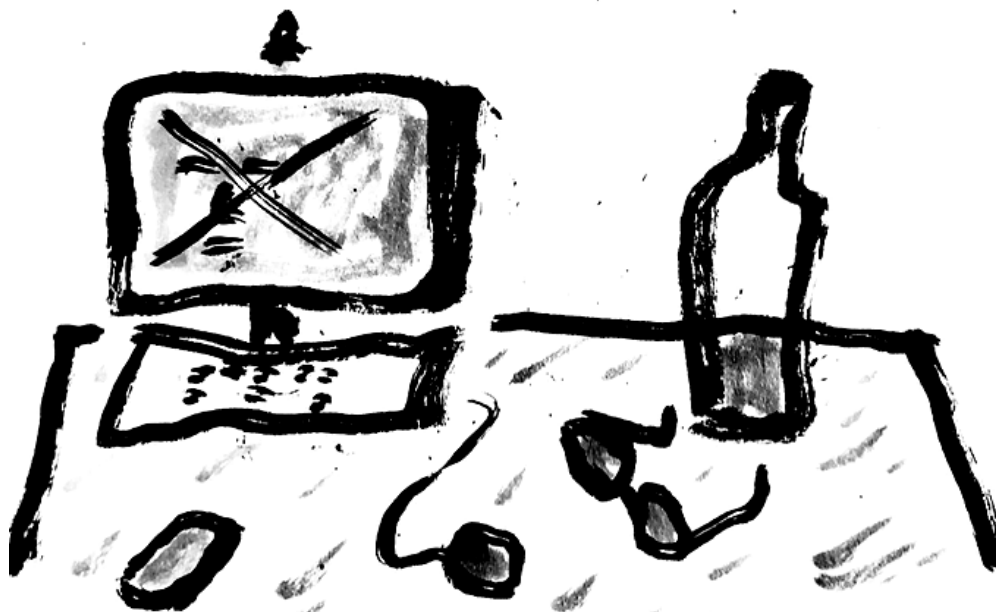
O céu escuro acende sua abóboda de astros com brancos grãos microscópicos no infinito. Os pontos quase invisíveis do firmamento se opõem aos da terra que circulam pelas cidades, ambientes e organismos numa simbiose interativa, benigna ou não.

Um estranho corpo celeste está em rota de colisão com o planeta. Seus habitantes reclusos confiam que no último instante, esse quase cometa assustador, fará um desvio estratégico salvando a maioria dos terráqueos.

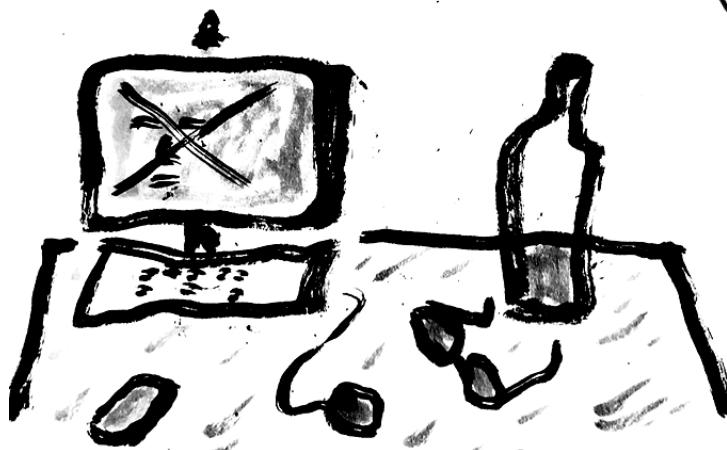
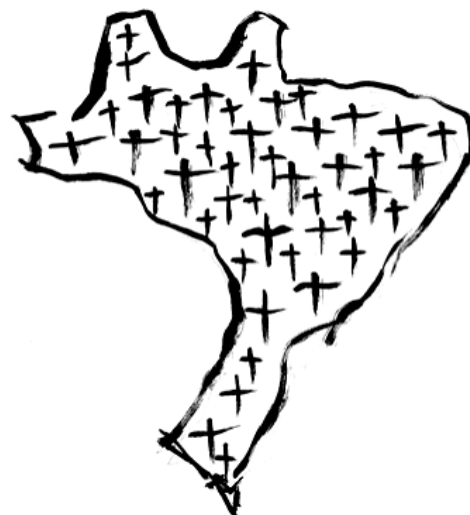
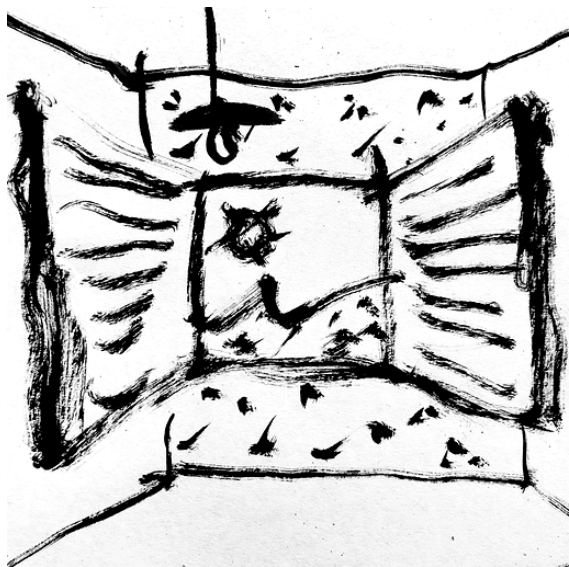
25

A constelação refletida no lago é sonorizada por uma sinfonia batráquia enquanto passos seguem ao lado na lama da trilha. Desse ponto de vista está tudo tão equilibrado que parece absurdo supor algum perigo imprevisto por perto.

Com seu lado mais animal esse caminhar mira a frente, como uma meta já alcançada. A confiança nesse futuro imediato faz esses pés cada vez mais seguros e móveis.



Croqui: João Diniz para Microcontos Reclusos



Croquis por João Diniz para Microcontos Reclusos

Notas:

1- Os croquis foram realizados por João Diniz para Microcontos Reclusos, entre os meses de março a maio do ano de 2020, ao longo do processo inicial no Brasil, da pandemia de COVID 19.

BRASÍLIA MUSEU A CÉU ABERTO

Exposição de Danielle Athayde
Por Angelina Quaglia

Danielle Athayde (1) representa a síntese completa de uma pessoa contemporânea e empreendedora, que possui, sobretudo, um senso de amor pela história de Brasília, sentindo-se no dever de apresentá-la monumental, tal qual foi pensada e executada.

Curadora de uma das mais importantes exposições a representar com magnitude a Capital Federal, em 12 países, fez da exposição BRASÍLIA 55 ANOS - DA UTOPIA À CAPITAL um conjunto esplendoroso de conhecimento. Composta por 300 obras, dentre elas fotografias, documentos históricos e maquetes, recapitulou historicamente a criação da Capital. Exposição essa que posteriormente transformou-se num dos livros mais importantes como referencia de pesquisa histórico documental.



Foto: Orlando Brito

A exposição "Brasília - Da Utopia à Capital" aconteceria no Salão Negro do Congresso Nacional em abril deste ano, a fim de contribuir com as comemorações e homenagens pelo aniversário de 60 anos da cidade. Entretanto, com a pandemia, os planos foram repensados, e a mostra transformou-se em "Brasília Museu a Céu Aberto", ganhando nova formatação.

A abertura ocorreu em 17 de dezembro, com uma projeção mapeada no edifício do Congresso Nacional, assinada pelo artista e realizador Ronaldo Duque. A exposição acontecerá de 18 de dezembro até a data de 7 de janeiro de 2021, trazendo os registros da época da construção da cidade, fotografias com o presidente Juscelino Kubitschek, imagens da "epopeia que foi trazer a capital federal para o interior do país", documentos históricos e obras de arte de artistas do período da construção e contemporâneos. A intenção é trazer a público uma síntese do pensamento modernista brasileiro sobre a luz da criação de Brasília, apresentando o traçado urbanístico pensado por Lucio Costa, único no mundo, acrescido as edificações monumentais projetadas por Oscar Niemeyer.

"Com a pandemia resolvemos reformular todo o projeto e nos adaptar aos novos tempos, mas não abrimos mão de realizar a mostra em um formato totalmente digital, dando assim oportunidade de um acesso amplo, democrático e gratuito a população. A ideia é ressignificar o espaço público transformando a cidade em um grande museu a céu aberto"

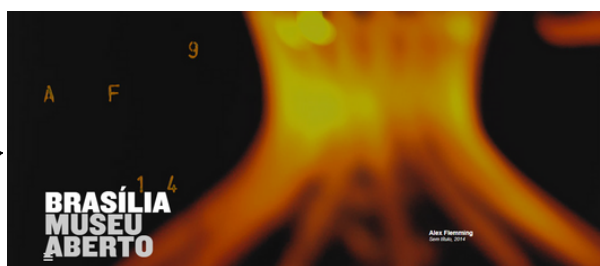
Com a clara intenção de democratizar o acesso as artes e a cultura, mantendo a consciência de que estamos em meio a uma pandemia, a exposição será exibida em painéis de LED da ALUMI OUT OF HOME, dispostos em locais estratégicos da cidade, aproximando o espectador a sua própria história. O conteúdo da exposição também ficará disponível na internet através do site www.brasiliamuseuaberto.com.br, e pelo instagram [@brasiliamuseuaberto](https://www.instagram.com/brasiliamuseuaberto).

EXPOSIÇÃO!

VISITE A



BRASILIAMUSEUABERTO.COM.BR



MAIS UMA CONVERSA EM MEIO A GOLES DE CAFÉ

DANIELLE ATHAYDE

DANIELLE



Foto: ARTETUDE

COMO VOCÊ PERCEBE A FORMATAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES PARA OS PRÓXIMOS ANOS, APÓS A PANDEMIA DA COVID19?

“Falar de novos formatos de exposições, cultura e até mesmo de economia criativa pós pandemia ainda é uma incógnita, ainda não sabemos o que será o novo normal. Tentar entender o que será essa nova realidade é essencial para a formulação de novas políticas para o setor. No entanto, o consenso é geral de que o momento agora é de estudo, análises e criatividade com muita reflexão para novas possibilidades de renovação. Este momento gera uma grande oportunidade para gerarmos meios mais eficientes e modernos de representar a nossa arte. O projeto Brasília Museu Aberto chegou com esta ideia

de ressignificar os espaços públicos e gerar um alcance maior de público tendo em vista que pretendemos atingir mais de 2 milhões de visualizações com a nossa exposição virtual.

O QUE MAIS INSPIRA O SEU TRABALHO SOBRE BRASÍLIA?

"Encaro o fato de ser mulher que leva o nome de Brasília para o mundo inspirador. Uma missão de vida mesmo.

Uma das inspirações iniciais que tive para a realização desta curadoria surgiu a partir da pesquisa realizada no mestrado em 2008 em Madri na Espanha. Vi que tinha muita história pra contar. Então resolvi que seria contada de forma diferente por meio de uma grande exposição de artes visuais sobre a cidade.

A primeira obra que imaginei para compor o acervo expositivo foi a construção de uma maquete itinerante de Brasília que pudesse mostrar ao visitante o Plano Piloto de Lucio Costa. Obra executada com perfeição pelo arquiteto Antônio José Pereira mesmo autor da maquete que está na Praça dos Três Poderes em Brasília.

Podemos falar também das pioneiras que vieram para Brasília no período da construção da cidade. Foram milhares, mais da metade da população na época eram mulheres e continua ser até hoje.

Importante falar de Dona Izoete Pereira (1933-2010), pioneira, funcionária pública, colecionadora de obras de arte. Deu início a criação da Coleção Brasília um dos mais importantes acervos que abrange cerca de cinco décadas da cultura brasileira. Constituído por gravuras, esculturas, maquetes, objetos de época e documentos oficiais. Grande parte desta coleção é apresentada na exposição "Brasília da Utopia à Capital". Estes são apenas alguns personagens dentro de um pequeno contexto que tentamos mostrar na exposição.

**CONTE-NOS UMA HISTÓRIA SUA COM A CIDADE DE
BRASÍLIA, QUE TE EMOCIONE!**

Quando estava realizando a montagem da primeira exposição realizada em Madri na Espanha em 2010 meu telefone tocou de madrugada eram aproximadamente 2 da manhã. Levei um susto porque era do Brasil, era o então Secretário de Cultura Silvestre Gorgulho que me deu boa noite e disse que tinha uma pessoa que gostaria de falar comigo. Ao escutar do outro lado da linha ouço uma voz rouca e baixa dizendo: Danielle eu sei o que você está fazendo e eu te desejo boa sorte. **Era Oscar Niemeyer. Chorei muito de emoção e não consegui mais dormir.**



Foto: ARTETUDE/cedida por Danielle Athayde

Notas:

1- Danielle Athayde é fundadora da ARTETUDE, graduada em publicidade e propaganda, possui MBA em gestão estratégica de marketing na FGV, e é mestre em gestão cultural, patrimônio, turismo e natureza pelo Instituto de Investigação Jose Ortega y Gasset em Madri na Espanha

NOVAS ARTES EM BRASÍLIA

FÁBIO DOURADO

POR MALU PERLINGEIRO

DOURADO

FÁBIO



Desenho do autor

O entrevistado desta edição é **FÁBIO DOURADO**. Artista visual, natural de Brasília, filho de arquiteto planaltinense e pioneiro na capital, Fábio continua a ter forte ligação com sua cidade natal.

As obras assinadas por **FDOURADO** encantam todos que têm a oportunidade de vê-las, não somente pelo traço já característico, mas principalmente pela paixão com que se expressa nas telas.

QUAL SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL ALÉM DE SER ARTISTA VISUAL? EM QUE TRABALHAVA ANTES DE SE DEDICAR À ARTE?

"Sou arquiteto, ainda trabalho com arquitetura. Comecei como desenhista de prancheta, e nela assimilei a técnica de desenhar em perspectiva".

CONSEGUE CONCILIAR AS PROFISSÕES, OU A ARTE É APENAS UM HOBBY?

"Hoje consigo conciliá-las, principalmente na parte intelectual, um lado sempre complementando o outro. Na arquitetura desenvolvi muito a percepção, na arte, a expressão".

QUANDO COMEÇOU SEU INTERESSE EM DESENVOLVER SUA ARTE? HÁ QUANTO TEMPO A EXERCE E A APRIMORA?

"Quando criança gostava de desenhar. Na escola a professora de música me flagrou desenhando durante a aula e, ao contrário das outras tias, pediu para eu continuar, mas que eu desenhasse a música que eles estariam cantando. E foi assim, todos cantando e eu desenhando... Lembro que fiz um soldado marchando com cabeça de papel e preso no quartel! Os desenhos viraram um livreto ilustrado para os pais acompanharem a apresentação musical dos alunos. Na adolescência, os desenhos faziam sucesso com

com amigos do colégio e da quadra. Era tímido, foi até uma forma de interagir com a turma: "...faz um desenho na capa do meu caderno, ... no meu gesso, ...faz o professor..." Fazia os cartazes para eventos do colégio (olimpíadas, festa junina, dia das mães...). Porém, demorei muito para assumir a arte profissionalmente... Cheguei a fazer uns trabalhos, pintando alguns bares e muros antes. Mas minha primeira tela só fui pintar em 2015".

QUAL SUA FORMAÇÃO COMO ARTISTA VISUAL? VOCÊ FEZ CURSOS DE INICIAÇÃO E APRIMORAMENTO?

"Sou autodidata, mas fiz algumas aulas de pintura no início para aprender a trabalhar com a tinta. Foram poucas, não tenho muita disciplina para acompanhar cursos, prefiro alguns workshops. Estou sempre aprendendo, seja por observação ou por insistência".

HÁ ALGUMA TEMÁTICA DE SUA PREFERÊNCIA? PREFERE REPRODUZIR PAISAGENS, CENAS DO COTIDIANO, PERSONAGENS, IMAGENS QUE GUARDA EM SUA MEMÓRIA, OU SUA CRIAÇÃO É TOTALMENTE LIVRE?

Tem um pouco disso tudo aí, a preferência vai do momento que estou vivendo, acho que tenho telas com todas essas temáticas que você citou. Muita memória de Brasília, paisagens urbanaspeculiares, personagens marcantes, tem muita coisa também que estava guardada em alguma pasta no meu cérebro.

Pintura de FDourado
FOGUETE DO PARQUE



ENTENDO QUE TODO ARTISTA TEM UM TEMA MAIS EXPLORADO, MAIS ABORDADO. O QUE MAIS O INSPIRA PARA DESENVOLVER SEU TRABALHO ARTÍSTICO?

"A principal influência é Brasília e tudo que me desperte algum tipo de emoção. As memórias da infância me levaram a pintar o Foguete do Parque e como eu o enxergava ..., aquela visão da janela do carro trafegando pela cidade, a Joana Andarilha, os marcos visuais que vão passando pelo caminho, o traçado urbano. O olhar de arquiteto também me auxilia a desfrutar as formas da arquitetura de Brasília e atrelá-las a outras imagens, e daí surge uma nova ideia. Assim como todo brasileiro, gosto de viajar para ver o mar. É também uma grande fonte de inspiração".



Fotos da exposição no APETITÁ café

QUE TÉCNICAS UTILIZA EM SUAS OBRAS? TEM PREFERÊNCIA ESPECÍFICA POR ALGUMA?

"Acrílica sobre tela tem sido a principal. Gosto também de desenhar com nanquim, fazer sketches".

VOCÊ COSTUMA EXPOR SEUS TRABALHOS APENAS EM GALERIAS E ESPAÇOS CULTURAIS, OU TAMBÉM OCUPA ESPAÇOS ALTERNATIVOS?

"Exponho em galerias, também em espaços alternativos e nas redes sociais".

DE QUANTAS EXPOSIÇÕES COLETIVAS PARTICIPOU ATÉ DEZEMBRO DE 2020? REALIZOU EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS?

"Participei de cinco exposições coletivas. Realizei uma individual em Brasília, no Apetitá Bistrô, em maio de 2019".

COSTUMA PINTAR AO VIVO DURANTE EVENTOS ARTÍSTICOS?

"Sim, já tive a oportunidade de participar de alguns eventos pintando ao vivo, como em debates sobre cinema, durante um show de rock no Festival Brasília Moto Week, em evento de gastronomia e jazz, e em feiras nas quadras ...".

VOCÊ MIBISTRA AULAS, MINISTRAR CURSOS E WORKSHOPS?

"Ainda não explorei esse lado, mas estou desenvolvendo um método. Se der certo, vou passar a ensinar por meio de aulas, workshops ...".

VOCÊ APRECIA OUTRO TIPO DE ARTE ALÉM DA PINTURA?EXERCE OUTRO TIPO DE ARTE?



Fotos cedidas pelo autor

"Gosto também de música, toco instrumentos, tenho banda de rock... Vivi a época dos anos 80/90, desenhei até uns cartazes de shows de rock".

VOCÊ É CADASTRADO COMO ARTISTA PLÁSTICO PROFISSIONAL NA SECRETARIA DE CULTURA DO DF?

"Ainda não sou cadastrado, alguém pode me ajudar? Rrsr"

**COM CERTEZA!
CONTE COMIGO!**



Fotos cedidas pelo autor

QUAIS SEUS PLANOS ARTÍSTICOS EM RELAÇÃO AO FUTURO? PRETENDE FAZER NOVAS ABORDAGENS, EMPREGAR NOVAS TÉCNICAS E TEMÁTICAS? COMO GOSTARIA QUE SUA ARTE SE DESENVOLVESSE DE AGORA EM DIANTE?

Sempre tentando me ajustar ao momento, e que momento estamos vivendo... Estou organizando as ideias, pois estão surgindo novas parcerias, novos formatos. Já posso adiantar que para o próximo ano pretendo expor em lugares pouco explorados para esse fim.

DEIXE AQUI UMA MENSAGEM PELA COMEMORAÇÃO DOS 60 ANOS DE BRASÍLIA.

Nossa capital foi concebida nas mãos de grandes artistas e vem sendo progressivamente acalentada por esse dom. Existe arte em todos os lugares da cidade, desde o garrafeiro coletando seu provimento pelas ruas, aos expressivos monumentos arranjados em seus espaços. É uma imensa galeria de arte! Já foi cantada, recitada, pintada, filmada, representada em diversas formas e manifestações artísticas.

Toda vez que a vejo nesses formatos, me orgulho sempre por ser um pigmento nessa grande obra de arte. Nós brasilienses, por nascimento ou por consideração, somos notas dessa bela canção, nos misturamos na imaginosa paleta de cores e fazemos parte atuando nessa infinita composição, que é Brasília.

Hoje são 60, mas cada ano que passa, nossa cidade cativa grandes olhares contemplativos de todo o mundo, exteriorizando seus encantos e suas singularidades



Fotos cedidas pelo autor



Fotos cedidas pelo autor

"Tesourinha em seu tom original de terra vermelha do cerrado. A arte respeitando a identidade"



Pintura de F. Dourado: TESOURINHAS E CARROS



GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA

Por Juliana Florêncio Rampim

Eu cresci na cozinha, em meio a panelas grandes, gargalhadas e o calor do fogo. Desde pequena conheci os alimentos e ansiava pelo momento em que poderia também transformar magicamente os ingredientes em comida. Aos fins de semana íamos eu, meus pais e a cachorrinha para a casa dos meus avós maternos. Logo a família começava a planejar o que faria para o almoço e eu os observava conjecturando: polenta, mingau de milho, feijoada, churrasco, lasanha, cuscuz paulista. Quando os adultos finalmente decidiam, íamos às compras no açougue, no supermercado ou na padaria. Não importa a escolha, eu sabia que em breve comeria muito bem.

Por volta dos sete ou oito anos de idade, já ajudava a cortar e preparar alguns legumes. Aos dez já preparava arroz, bolos e lavava a louça (importante parte da cozinha, às vezes esquecida em tempos de gourmetização). Uma das minhas brincadeiras favoritas quando criança era o que eu chamava de Cátia, referência à apresentadora Cátia Fonseca, do programa Note e Anote. Eu e minha mãe a interpretávamos e descrevíamos os preparos como se a outra fosse a convidada. Lembro-me de horas cozinhando assim, enquanto transformávamos a atividade cotidiana em minha brincadeira preferida.

Hoje adulta percebo que esses momentos se transformaram em importantes valores. Aprendi a importância do comer junto da família e das memórias afetivas que permanecem durante a vida. Muitas vezes presencio relatos emocionados, e conheço precisamente a sensação, de alguém que descreve a comida preparada por um familiar querido em outros tempos. Michel de Certeau, em *A prática do cotidiano*, descreve esse momento ao analisar a entrevista de um senhor, já bem idoso, a quem entrevistou: “Era como se falar sobre essas refeições oferecidas e compartilhadas no passado, fosse seu único modo, humilde e modesto, de repetir a doçura do passado e a ternura dos rostos de seus amados”(1).

O afeto do ato de cozinhar e do ato de comer nos une, ousa dizer, como nenhuma outra prática. Todas as pessoas experimentam essas sensações. Quem de nós não deseja sentir de novo o gosto da comida preparada por alguém que já se foi? Para mim são dois pratos: a macarronada com calabresa e a sopa de mandioca da minha avó Eunice, os quais não importa o quanto eu tente, nunca consigo chegar no mesmo sabor. Não conseguimos transformar os idênticos ingredientes em comidas do passado porque essa memória não é

os idênticos ingredientes em comidas do passado porque essa memória não é apenas gustativa. O sabor nos transporta no tempo – e ousa dizer que um pouco no espaço – para aquela intersecção passada: a pessoa amada presente, os cheiros, a alegria. Essas sensações nos preenchem e os resultados são um nó na garganta e um aperto no coração.

Conforme o tempo passa, construo novas memórias afetivas ao aprender preparos, conhecer ingredientes, temperos e experimentar pratos. As sensações se misturam às existentes e criam novas lembranças em minha história. As dimensões da cozinha são portadoras dos significados simbólicos e são bases de nossas identidades construídas a partir das experiências vividas.

Ao fim desse árduo ano, é preciso lembrar o que importa e o que é necessário para ter forças para os novos desafios. Em meio às dificuldades, busquemos o aconchego da cozinha e nos reconectemos com as pessoas amadas à mesa. O historiador Massimo Montanari, em *Comida como cultura*, utiliza o termo metáfora da vida para a mesa(2) . Ao fazê-lo não só firma a beleza simbólica do comer como prática cultural como reafirma a importância da busca em compreender os diversos significados que permeiam a alimentação como dimensão sensível dos seres humanos. Estou cada vez mais certa de que muitas respostas da incessante busca por sentido estão sentadas à mesa conosco.



Fotografias de Juliana Rampim Florêncio

Notas:

(1) CERTEAU, Michel de. The practice of everyday life. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998. Tradução livre.

(2) MONTANARI, Massimo. Comida como cultura. São Paulo: Editora Senac, 2008

**PRESENTE EXTRA
DE NATAL**

**DÊ UMA
OLHADA!**



Receita de presente de Natal:

CUSCUZ PAULISTA

(receita da Sônia Rampim, mãe da Juliana)

- 1- Refogue em bastante azeite 1 cebola grande e 6 dentes de alho;
- 2 - Acrescente 2 tomates bem maduros;
- 3 - Coloque 2 latas de sardinha e o caldo também;
- 4 - Acrescente o palmito, a ervilha, o cheiro verde e, por último, 2 ovos cozidos
- 5 - Vá colocando a farinha de milho e mexendo para cozinhar;
- 6- Unte uma forma de buraco com azeite e decore com 3 ovos cozidos, 2 latas de sardinha, tomatinhos **confitados** (???) no azeite, azeitonas e cheiro verde;
- 7 -Espere esfriar um pouco e desenforme.

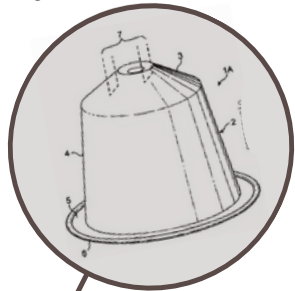
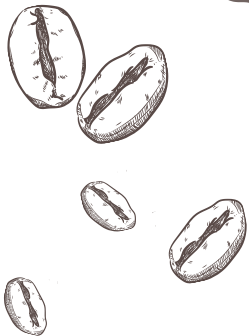
??? Mas o que é confitar???

A técnica de cozinhar um alimento em gordura, como o azeite, por exemplo. Sempre em temperatura baixa, sem ultrapassar os 100°C, e de maneira lenta. O alimento dura mais e fica mais macio, podendo ser feita no fogão ou forno!



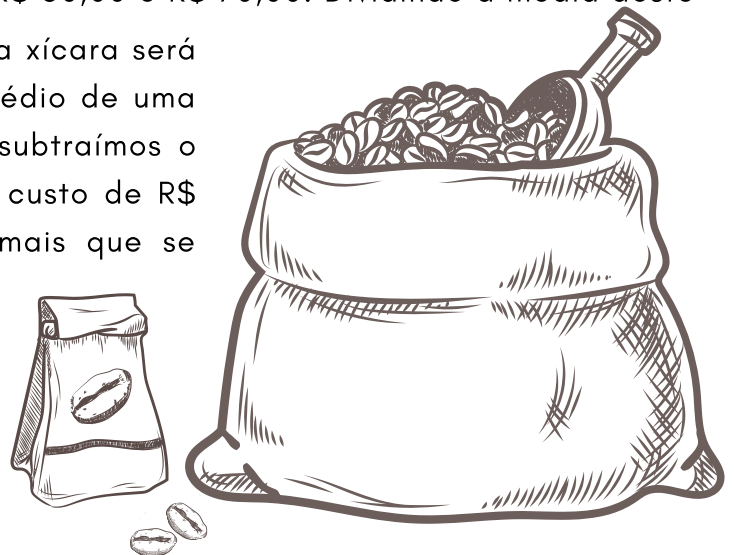
Obrigado, capsula!

Por Antonello Monardo



Sim, verdade, agradeço as capsulas de café! A cafeicultura brasileira deve agradecer a chegada das capsulas! No início parecia uma derrota: o Brasil, maior produtor e melhor café do mundo sendo invadido por um “café” feito no exterior aonde não existem plantas de café. Mas esta “orgia propagandística”, na qual o cliente foi induzido a comprar máquinas e cápsulas coloridas, serviu para espalhar em milhares de casas, escritórios e “buracos” a cultura de um modo novo de tomar café o tal de “**café espresso**” (1). Agora, as pessoas que foram “induzidas” estão acordando do torpor. É preciso que os cafeicultores, torradores, vendedores de café de qualidade - que aumentaram muito nesta década tornando possível tomar o melhor café do mundo no Brasil sem precisar importar - conquistem seu devido lugar, fazendo um trabalho capilar de convencimento de quem já adquiriu cafés em cápsulas.

Como fazer isto? Primeiro com um convencimento matemático, até porque trata-se de uma ciência exata e não uma opinião ... Considerando que para fazer um café espresso é preciso 7 gramas de café torrado e moído -as maioria das capsulas usa até 5 gr.- se deduz que com mil gramas (1 kg.), se fazem 142 xicaras de cafés. Atualmente, no Brasil, os cafés classificados de “Gourmet” e que fazem parte da BSCA (Brazilian Speciality Coffee Association - Associação dos Cafés Especiais do Brasil), variam o custo por quilo, entre R\$ 50,00 e R\$ 70,00. Dividindo a média deste valor por 142, o valor de custo de cada xícara será de R\$ 0,42. Agora pegamos o valor médio de uma capsula de café que é de R\$ 1,90 e subtraímos o valor de R\$ 0,42. Obteremos então o custo de R\$ 1,48, que é simplesmente o valor a mais que se paga para tomar um café em cápsula.



Agora, considerando um consumo “baixo” de 3 cafés por dia, em uma residência de uma família de 3 componentes, se obterá um consumo diário de 9 cafés que, multiplicados por 30 dias (um mês), dá 270 cafés mensais. Esse número multiplicado por R\$ 1,48 –custo a mais gerado pelo café em cápsula–, teremos um valor de R\$ 399,60 mensais de despesa a mais. Se este valor for poupado por 4 ou 5 meses é possível adquirir uma boa máquina para **café espresso** automática, que usa “café em grão torrado de verdade” gerando uma boa economia doméstica. No Brasil, se encontram de vários tipos, modelos e marcas.

Depois do convencimento matemático, passaremos convencimento lúdico: você estará livre!!! Poderá usar as milhares de opções que um país como o Brasil oferece. Um país que produz mais de 80 variedades de arábica, que está entre os melhores cafés de mundo, considerando também as variadas regiões produtoras, onde é possível obter milhares de variações de sabores, nuances e sensações.

Mais que isto, espera-se da parte de alguns restaurantes que viraram as costas a um dos “ícones” do Brasil, que faz parte da gastronomia brasileira, que repensem e voltem a oferecer legítimo café gourmet brasileiro. Pelos menos, senão por uma questão de patriotismo, por uma questão econômica, conforme informado acima.

O restaurante que oferece cápsulas de café espresso, mostra uma falta de respeito com relação ao cliente, aos profissionais da cadeia do café brasileiro (agricultor, torrador e barista), e a própria marca: seria como oferecer spaghetti, carne e feijoada em lata!



Nota cultural importante:

(1) A palavra **Espresso** vem do italiano que, em português, traduz-se como expresso. Os italianos criaram o café preparado a esta maneira, numa máquina especial, "de pronto"!

GRATIDÃO É A PALAVRA CERTA

Por Maria Helena Costa

Gratidão é a palavra inicial deste contato próximo que mantemos com cada leitor, em especial ao final de um ciclo cheio de desafios e superações.

O convite: Observar sua trajetória até aqui e pontuar cada momento de crescimento, superação que o trouxeram até ao agora. Este movimento pode ser acompanhado por linha do tempo, desenhada singelamente, marcada com datas ou símbolos, por palavras chave que designem a força manifestada em cada experiência. Pode ser ilustrado com croquis e as adoráveis texturas ou imagens. É um convite original para ser reflexão em amor por si mesmo. Ao observar a sua linha do tempo, ressalte as mudanças que ressignificaram escolhas, decisões, paradas, reavaliações de trajetória. Agora destaque com cor vibrante as conquistas alcançadas, os obstáculos vencidos. Observe a inspiração que pode surgir e o constatar da força gerada, da concretude do ser que você é neste momento. A transformação ocorrida forjou dons, revelou talentos, consolidou forças. Seu caráter certamente foi moldado e se tivéssemos a análise do antes e do agora, seu gráfico de forças apresentaria expansão.

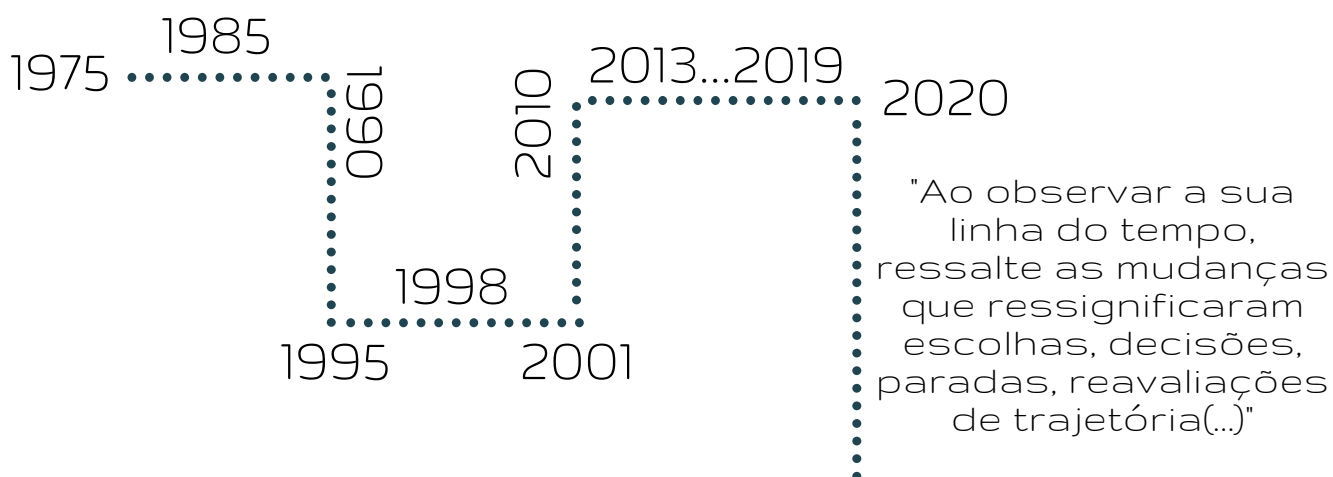


Ilustração de sugestão sobre observação de linha do tempo
Design equipe PARABOLOIDE.Incubadora de Ideias

Nosso olhar será inspirado pela psicologia positiva que traz o benefício da identificação em si mesmo de forças, virtudes e valores - aquilo que você tem de melhor. O convite permanente é o do cultivo às emoções positivas que possibilitarão propostas funcionais para uma vida voltada ao bem ser, bem estar. À percepção do seu propósito, ao reconhecimento do seu potencial e à regulação do seu motor propulsor para uma vida plena. Estamos alicerçados nos estudos do Dr. Martin Seligman sobre o processo de funcionamento positivo do ser humano, o florescimento, que denomina a felicidade autêntica.

A linha do tempo traçada, a percepção alcançada sobre as suas experiências revela o nível de bem-estar subjetivo; observe que os níveis mais elevados correspondem a sensações de maior satisfação e realização; sua vida tenderá a ser mais agradável e recompensadora a partir dessas experiências. Afinal este é o nosso propósito básico como seres humanos, em todas as profissões, em especial na arquitetura e urbanismo que pretende revelar em cada traço o objetivo de acolher, propiciar o melhor espaço para a realização de funções, atividades de forma agradável, plena.

O florescer, ser plenamente funcional relaciona-se com o enfrentar das situações e a recuperação pós enfrentamento, o que depende de como administramos aquilo que vivenciamos, de como buscamos atingir o potencial máximo, a necessidade inerente de autorrealização. Então o desenvolvimento do potencial interno, da personalidade, do caráter de forma consciente, transformadora, propiciam a felicidade autêntica.

Perceber sua trajetória neste olhar retrospectivo, destacar os momentos de superação revelará as virtudes que propiciaram consciência de sua essência, que permite a ação construtiva para o bem estar dos que o rodeiam; a satisfação da necessidade de estima pela contribuição para um mundo melhor; a necessidade social ou necessidade de amor respondida pelas ações de ajuda ao próximo. As oportunidades foram e são muitas para a prática da generosidade e do altruísmo que trazem benefícios individuais e para o grupo; movimenta cooperação social em escala ampliada e permite o prosperar de forma mais ampla. Essas ações que nos trazem um fluxo de engajamento, o uso de nossos talentos, habilidades, o esquecer do tempo durante aquela atividade traduzem o flow - a satisfação e a recompensa muito maiores do que o proveito apenas pessoal; o empenho em função de outras pessoas, na comunidade mais próxima, na ação que envolverá outros.

Observemos que essa é a essência da arquitetura como instrumento para o social. Sob esse olhar qual será o seu balanço agora?

A influência da psicologia positiva na nossa vida pessoal e profissional conduz ao olhar construtor – quais os resultados das boas práticas? Quais as conquistas estabelecidas pelo olhar atento a si mesmo e ao que está ao seu redor?

Percebermos os aprendizados, crescimento e manifestarmos o reconhecimento pelo significado atribuído a cada ponto assinalado, cria movimento que pode nos levar a proposta e não constatação; sermos ação construtiva e propulsora dos movimentos que desejamos viver individualmente, em família, comunidade, sociedade.

Como todas as ideias que abraçamos, busquemos neste espaço tempo que temos, criar o extraordinário em nossas vidas. Tanto se fala em normal e novo normal, termos que não contemplam a grandeza em cada um. A vida é o que criamos a cada segundo e, cada um é importante. E se desejamos melhores resultados, se desejamos a efetividade, a funcionalidade, o olhar se volta para as práticas assertivas; para a valorização dos indivíduos, dos ambientes de trabalho que propiciam a maior satisfação para as equipes; para os espaços públicos que atraem mais pessoas e permitem a sua liberdade, a sua expressividade, as relações sociais, mesmo com a necessidade de afastamento.

Como todas as ideias que abraçamos, busquemos neste espaço tempo que temos, criar o extraordinário em nossas vidas. Tanto se fala em normal e novo normal, termos que não contemplam a grandeza em cada um. A vida é o que criamos a cada segundo e, cada um é importante. E se desejamos melhores resultados, se desejamos a efetividade, a funcionalidade, o olhar se volta para as práticas assertivas; para a valorização dos indivíduos, dos ambientes de trabalho que propiciam a maior satisfação para as equipes; para os espaços públicos que atraem mais pessoas e permitem a sua liberdade, a sua expressividade, as relações sociais, mesmo com a necessidade de afastamento.

Como todas as ideias que abraçamos, busquemos neste espaço tempo que temos, criar o extraordinário em nossas vidas. Tanto se fala em normal e novo normal, termos que não contemplam a grandeza em cada um. A vida é o que criamos a cada segundo e, cada um é importante. E se desejamos melhores resultados, se desejamos a efetividade, a funcionalidade, o olhar se volta para as práticas assertivas; para a valorização dos indivíduos, dos ambientes de trabalho que propiciam a maior satisfação para as equipes; para os espaços públicos que atraem mais pessoas e permitem a sua liberdade, a sua expressividade, as relações sociais, mesmo com a necessidade de afastamento.

Avalie:

Suas criações? O alcance de cada uma?

Suas habilidades interpessoais? Quais as que se destacam?

Suas emoções positivas e a frequência com que se manifestaram?

Seus relacionamentos?

Suas realizações?

Seus pensamentos?

Seus momentos de interrupção e reflexão sobre suas vivências?

Seu engajamento com a vida e trabalho?

E o que o leitor, o vivenciador destas reflexões se propõe agora a mudar? A melhorar? O que começaria a fazer a partir de agora? O que deixaria de fazer, por perceber que é veneno em sua vida? O que poderia fazer menos para se direcionar a novos comportamentos?

Todas as vibrações por encontros, encantamentos, descobertas, processo de desenvolvimento para o revelar do ser que é em você e para o direcionamento de seus pensamentos, atitudes, ações conscientes de que o barco está sob seu comando e você tem bússola, aliás GPS, boletins meteorológicos em tempo real, precisos e você realmente sabe aonde quer chegar.

Última palavra ao leitor que acompanhou esta experiência: gratidão!

MARIA HELENA COSTA



CARREIRA E SUCESSO



Endereço linkedin.com



MARIAHELENA.COSTA@SBCEMPRESAS.COM.BR

Notas

- DA MATTA, Villela; VICTORIA, Flora. Personal & Professional Coaching: Livro de Metodologia. São Paulo: SBCoaching Editora, 2015.
- DA MATTA, Villela; VICTORIA, Flora. Positive Coaching: Livro de Metodologia. São Paulo: SBCoaching Editora, 2016.
- NIEMIEC, Ryan. Intervenções com forças de caráter. São Paulo: Hogrefe, 2019.
- TRACY, Brian. Engajamento Total!/Brian Tracy; Matta, Villela da; Victoria, Flora; 2016. São Paulo: SBCoaching Editora, 2016.
- VICTORIA, Flora. Semeando Felicidade. São Paulo: SBCoaching Publishing, 2016.



NATAL DO MENINO JESUS

Por Luciana Azevedo e Jézer Junior

Feliz Natal, Feliz Navidad, Buon Natale, Joyeux Noël, Merry Christmas! O Natal, palavra que se refere a nascimento, é uma festa cristã na qual se comemora o nascimento de Jesus Cristo; e mesmo onde não se celebra o Seu natalício, festeja-se a paz, a solidariedade e o amor fraterno.

O tempo que antecede o Natal, chamado de Advento na Igreja Católica, e que marca o início do novo ano litúrgico, tem algo de especial que desperta nos homens sentimentos de carinho, afeto e ternura; e nas crianças, a expectativa pela visita do Papai Noel trazendo presentes.

Ocorre que a celebração do Natal, como conhecemos hoje, passou a integrar o calendário litúrgico da Igreja Católica em meados do século IV, quando o Papa Júlio I, desejando estabelecer uma data para a celebração do nascimento de Jesus Cristo, por não se saber a verdadeira data do seu nascimento, fixou a data do Natal em 25 de dezembro pelo fato de coincidir com a Saturnália dos romanos e com as festas germânicas e célticas do solstício de Inverno, todas festividades pagãs que exaltavam, entre outras coisas, o dia do sol vencedor. Assim, sendo Jesus Cristo a Luz do mundo, o Vencedor e Soberano sobre todas as coisas, adotou-se o dia 25 de Dezembro como o dia de seu nascimento.

Contudo, em alguns lugares, a festa do Natal foi transferida para o dia 6 de janeiro, passando essa data, gradualmente, a ser associada ao dia da visita dos Reis Magos. No entanto, algumas culturas, mesmo celebrando o Natal no dia 25 de dezembro, mantêm até hoje o costume de realizar a troca de presentes no dia 6 de janeiro.

Dentre os variados símbolos natalinos, destaca-se o Presépio (palavra que tem a ver com o local onde se recolhe o gado, ou estábulo). O primeiro Presépio foi montado por São Francisco de Assis em 1233 em Greccio, na Itália, com personagens vivos, passando a ser adotado por toda a cristandade para recordar, com pequenas imagens, as circunstâncias em que nasceu o Menino Jesus em Belém. A árvore de Natal, outro símbolo natalino, surge no século XVI, cuja forma triangular representa a Santíssima Trindade, sendo enfeitada com luzes que simbolizam Cristo, Luz do Mundo.

Infelizmente, o verdadeiro significado do Natal encontra-se hoje um tanto desfigurado em razão do latente espírito comercial de consumo, estampado pela figura do Papai Noel. Aliás, a figura atual do Papai Noel foi criada no século XIX nos Estados Unidos, em

substituição a São Nicolau de Mira, bispo da Igreja, que morreu por volta do ano 350, que tinha a fama de protetor das crianças e que se despojou de suas posses para ajudar os mais necessitados.

O verdadeiro despojamento de si em favor do outro é uma das atitudes que devem nortear a vida dos homens, não apenas no tempo do Natal, mas durante todos os dias da vida de cada um. É imperioso recordar que o Deus que criou tudo o que existe se fez homem e escolheu nascer numa gruta fria, entre animais, porque não havia lugar na cidade de Belém para acolhê-Lo (Cf. Lc 2,7). “Veio para o que era seu e os seus não o receberam” (Jo 1,11).

A cada dia, a cada momento da vida do homem e, especialmente no Natal, Jesus pede acolhida no coração de cada ser humano, que novamente O rejeita pelo fato de o coração já estar ocupado com as coisas oferecidas pelo mundo, e acolher Jesus Cristo implica despojar-se dessas afeições e renunciar a tudo por Ele.

Neste ano de 2020, o homem sentiu, por um pouco de tempo, a ausência de Deus no mundo quando um vírus causou uma epidemia generalizada e ceifou inúmeras vidas, sem acepção de pessoas, e mostrou ao homem o quanto a sua vida é frágil e breve. Trouxe a lume a certeza de que cada novo dia pode ser o último, e que, o sendo, não haverá outra oportunidade para fazer o bem, para perdoar, para corrigir os erros e defeitos, para amar Deus e o próximo e de viver um santo e verdadeiro Natal, onde Jesus deseja se acolhido em cada coração.

Para receber um hóspede ilustre, não há quem não se preocupe em arrumar a casa e oferecer algo que o agrade e, assim, deve fazer cada homem, limpando o seu coração e desfazendo-se dos sentimentos de rancor, raiva, ressentimento, orgulho, vaidade, soberba, egoísmo e desamor, que são atributos do inimigo de Deus, permitindo, assim, que Cristo possa misticamente renascer em cada coração, simples como a manjedoura de Belém, mas adornado com os mais nobres e puros sentimentos.

Santo Afonso Maria de Ligório disse: “Pelos nossas culpas nós, pobres pecadores, já estávamos todos mortos e condenados ao inferno. Deus, porém, por causa do imenso amor que tem às nossas almas, quis restituir-nos à vida, enviando à terra o seu Filho unigênito para morrer por nós. Pois disse-me: Se Jesus Cristo morreu por nosso amor, não é mais do que justo que nós somente para Ele vivamos, e que Ele seja o único senhor dos nossos corações?” E ensinou uma oração: “Ó meu caro Menino, contemplo-Vos nessa manjedoura como que já pregado na cruz, visto que esta Vos está presente e Vós a aceitais por mim. Ó Menino crucificado - assim quero chamar-Vos -, eu Vos agradeço e Vos amo. Deitado

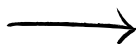
sobre essa palha, padecendo por mim e preparando-Vos para morrer por meu amor, Vós mandais e me convidais a amar-Vos, e não desejo outra coisa senão amar-Vos. O amor para convosco é um dom Vosso, e o dom mais precioso que podeis conferir a uma alma [...] e se me amais, predeei-me ao Vosso amor, mas predeei-me de tal maneira, que eu não possa mais separar-me de Vós."



Figura: The Nativity with Donors and Saints Jerome and Leonard
Gerard David (1) - 1510-15 a.C.

NA GALERIA 603

VISITE A PINTURA



NO MET- NY

VISITE A GALERIA



Notas:

1- Gerard Davi nasceu em 1460 em Oudewater, Holanda, e morreu em 13 de agosto de 1523, na Bélgica. Foi o último mestre da escola de Bruges, tendo a pintura acima como uma de suas mais importantes obras.



Advocacia Urbana por Brasília

Por Frederico Flósculo

Advocacia Urbana significa a defesa da cidadania contra as táticas e estratégias nascidas nos poderosos grupos de interesses econômicos e políticos que são essenciais para as nossas cidades modernas - industriais, com imensas redes de prestação de serviços, com populações que contamos aos milhões e dezenas de milhões, envolvendo cifras bilionárias em suas produção cotidiana de bens, de realização de trabalho. As Advocacias nascem nas Repúblicas, essas formas de Democracia em que há elevada formalização da vida pública, da representatividade política, dos processos de decisão, especialmente a judicial. Devemos entender como Advocacias as defesas de interesses nas instâncias públicas, especialmente as tomadoras de decisões - executivas, judiciais, legislativas. Devemos entender como Advogados os que vocalizam essa defesa.

Por quê a cidadania precisaria de defesa? Pelo menos no nível da organização urbana que engloba os interesses cotidianos das famílias e das condições de vida em comunidade, assim como os aspectos da vida social nas cidades mais diretamente ligados à percepção de sua qualidade (no acesso ao espaço pessoal, familiar ou de grupos, na satisfação das necessidades de acesso a serviços e infraestrutura básica, na segurança pessoal e patrimonial, na saúde individual e coletiva, na segurança alimentar e de renda, entre outros) colocamos em debate a dissonância entre a inteligência reunida pelo governo e a compreensão das políticas públicas em execução, pela população.

Assim, a Advocacia Urbana parte de uma assertiva fundamental: os interesses dos governos urbanos (ou dos governos, em geral) podem ser bem diferentes dos interesses das populações a que deveriam servir. Os interesses do governo podem, nas piores hipóteses, ser significativamente alienados das prioridades colocadas (ou diagnosticadas, se diagnóstico houver) pela comunidade - famílias, pessoas representantes de minorias, de atividades econômicas mais pulverizadas e desarticuladas, de organizações e instituições sociais que lutam por direitos humanos e pela qualidade ambiental, para citar segmentos comunitários que evocamos nesta definição de Advocacia Urbana. Pior: os interesses do governo podem se opor, afrontosamente, aos interesses da maioria da população - sobretudo quando o governo se rende ao controle de suas políticas, sendo comandado por setores de sua plutocracia - como os grandes empregadores, os grandes senhores de solo urbano, os detentores de recursos essenciais para o investimento no trabalho e na produção, mas de modo que merece exame, pela desigualdade e sofrimento que produzem.

Uma Brasília Combativa, Ansiosa Por Sua Democratização!

Devo declarar que vim morar em Brasília no começo dos anos 1980, recém-formado em Arquitetura e Urbanismo, e encontrei uma comunidade profissional (de Arquitetos e Urbanistas) extraordinariamente envolvida no grande debate das políticas públicas urbanas. A ditadura militar conseguiu unificar as mais díspares mentalidades de oposição, de resistência e defesa da retomada democrática. Claro, essa é uma história de encantamento e desencantamento que pode ser contada em outra oportunidade. Os anos 1980 podem ser narrados em uma grande variedade de perspectivas, com o domínio do marco histórico da transição da ditadura militar para a democracia civil, mas devemos manter esse período como referência fundamental para os surpreendentes trânsitos da política, da vida social, da organização econômica de Brasília a partir dos anos 1990. Para mim, a mudança nas mentalidades, nas expectativas, nas ações políticas originadas nas comunidades urbanas e nas organizações sociais, é dramática.

A luta pelas eleições diretas ("Diretas-Já!") em vez da eleição ainda pela via do famigerado Colégio Eleitoral que garantiu aos militares sua "eleição" por um Congresso Nacional repleto de governistas, seus apoiadores; o luto pela morte absurda de Tancredo Neves, a improvável e desastrosa ascensão de José Sarney à Presidência da República (responsável por outra desastrosa ascensão, de Joaquim Roriz ao GDF, em 1988); as lutas pela Assembléia Nacional Constituinte - e, com sua conquista, pela Autonomia Política do Distrito Federal, entre outras importantes bandeiras, como a definição de um capítulo constitucional sobre Políticas Urbanas (frustrante, quase anódino, mas presente e referencial). Sem que esqueçamos a inesperada e impressionante conquista do título, para o plano urbanístico de Lucio Costa, de Patrimônio Cultural da Humanidade (1987), graças aos esforços do então governador biônico José Aparecido de Oliveira e de arquitetos de enorme prestígio e capacidade de negociação como Jayme Zettel, Ítalo Campofiorito, Carlos Magalhães. Maria Elisa Costa, filha do grande urbanista autor do Plano Piloto da Nova Capital (1957).

Impressiona que, até hoje, no início da década de 2020, ainda estejamos a consumir os compromissos não cumpridos com a década de 1980. Em outro artigo devo prosseguir nessa reflexão acerca dos problemas ainda não-resolvidos, das "soluções" surgidas (como pareceu ter sido essa fabulosa conquista do título de Patrimônio Cultural da Humanidade) e dos problemas que surgiram nestes 30 anos de Autonomia Política. A meu ver, a perspectiva da Advocacia Urbana pode ser tão reveladora de padrões fundamentais a

esse problemas, como capaz de descortinar poderosas soluções, em benefício de nossa comunidade urbana - e de nossa cidade.

Reflexões Iniciais Sobre a Advocacia Urbana em Brasília

Essas reflexões iniciais nascem do imenso choque entre expectativas e realidades da história política e social recente, deste período de “redemocratização” do Brasil - iniciado com a promulgação da Constituição de 1988. De um modo geral, a Constituição de 1988 apontou rumos corretos, talvez os melhores a serem atingidos para a recuperação do Brasil depois de 21 anos de ditadura militar. Mas, vemos agora, fez isso pela metade, se muito, especialmente no inovador capítulo (constitucional) das Políticas Urbanas.

Venho aqui afirmar que há uma trilha de sérios problemas para a cidadania e para as comunidades urbanas na forma como a legislação derivada desse capítulo da Constituição Federal tem se irradiado sobre as cidades brasileiras. Muitas mais oportunidades foram criadas para a especulação imobiliária do que para o desenvolvimento urbano integrado ao desenvolvimento humano - e de suas comunidades. Esse corpo legislativo é cada vez mais amplo e incapaz de permitir a participação comunitária e a avaliação das políticas públicas urbanas. É derivado diretamente desse estrategicamente conciso capítulo constitucional sobre a Política Urbana.

Aparentemente, são apenas 2 artigos que definem a Política Urbana brasileira na Constituição Federal, mas as questões escolhidas dizem muito para nós, que desejamos cidades sustentáveis, equilibradas, civilizadas - e não temos. O tratamento dado à Política Urbana é notavelmente imobiliário. Não se articula nem estimula a articulação dessa política com a crucial questão ambiental. Não se articula com o próprio desenvolvimento urbano e com o desenvolvimento humano. As cidades são vistas como mercadorias e a possibilidade de redefinição das políticas urbanas naufraga 13 anos depois, com o Estatuto da Cidade (2001).

O resultado é que a definição mais importante da Política Urbana na Constituição de 1988 é mesmo a exigência do Plano Diretor “aprovado pela Câmara Municipal, obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes”. Essa é uma exigência que não implicou compromisso entre municipalidade e sustentabilidade ambiental. Tampouco articulou o Plano Diretor com qualquer Política Social digna dessa denominação. Contudo, ficou claro e imediato o compromisso com a “expansão urbana”, no texto constituinte. Esse “instrumento básico da política de desenvolvimento” não conseguiu enxergar o desastre

social e ambiental na expansão tão desejada das cidades. E essa visão leva, até os dias de hoje, a políticas distorcidas e desumanizadas da gestão e ordenamento de nossas cidades - e, em ampliada análise, de nossos territórios regionais. A cidade brasileira foi redefinida com esse cândido desiderato de sua infinita, incontida expansão.

Minhas críticas ao Estatuto da Cidade raramente são bem recebidas. O Estatuto da Cidade é uma dessas raras leis que tem status cult entre um (vasto) público de políticos, ativistas e intelectuais. É algo bíblico, sagrado, cultivado em sua literalidade, acriticamente, devotadamente. Lamento que sua crítica impeça seu aperfeiçoamento - e a superação de suas falhas, que desviam o foco das políticas urbanas para as interrelações mais importantes, que não fazemos, entre fatores essenciais para o desenvolvimento humano e urbano, integrados. Considera-se que é uma peça libertária de nossa legislação, cheia de sabedoria - e, sobretudo, capaz de promover a superação de desigualdades, disfunções, erros históricos na organização, na gestão e até no projeto de nossas cidades. Errado.

Advocacia Urbana na crítica do Imperfeitíssimo Estatuto da Cidade

O Estatuto da Cidade é uma peça de legislação chocantemente contraditória, e deve ser criticada. Minhas teses críticas são:

- Ao buscar conter ou mesmo eliminar a forma mais básica de especulação imobiliária, criou instrumentos que propiciam e ampliam novas formas de especulação; de um modo geral, os seus "institutos jurídicos e políticos" podem - e são - usados seletivamente pelos governos de algumas seletas cidades, as que possuem urbanistas nas equipes de governo, e setores econômicos da construção civil e a da indústria imobiliária bem organizados, como no caso de Brasília. Esse uso seletivo se volta, decididamente, na direção da concentração das oportunidades de criação de mercadoria imobiliária exatamente nas mãos dos mais ativos especuladores.

- Esses "institutos jurídicos e políticos" podem ser usados de forma dissociada de qualquer política social, como verdadeiros instrumentos de extração de vantagens urbanas em meio aos turbulentos negócios urbanos; quem os elaborou não parece ter considerado sua profunda e essencial ambiguidade: até o hoje prevalece a narrativa de que esses instrumentos são bons por natureza, promotores de justiça e equidade social. Isso não é verdade, e os senhores do solo urbano, que lucram às custas da economia das cidades, morrem de tanto rir da ingenuidade do primitivo legislador;

- Não permite ou demonstra compreensão acerca do que seja especulação e outras formas de deterioração da qualidade de vida urbana. Aliás, devemos duvidar de que o uso seletivo dos instrumentos criados pelo Estatuto da Cidade contribuem para a promoção de qualidade de vida urbana e de participação da cidadania, mais que para a promoção da própria especulação imobiliária, através de Leis de Uso e Ocupação do Solo que operam seletivamente a sua aplicação.

- Não tem parâmetros de qualidade de vida urbana, não tem proposta de parametrização, não permite a avaliação, pela Lei, dos parâmetros eventualmente utilizados nas leis urbanas (como a exigência do cálculo de capacidade de suporte da infraestrutura urbana, do sistema de fornecimento de água potável, de saneamento, de processamento de lixo e resíduos, de fornecimento de energia elétrica, por exemplo), nem torna obrigatórios diagnósticos das situações urbanas que são alteradas por leis como as de Uso e Ocupação do Solo. Pior: não cria prioridades ou precedências para os importantes Estudos (a) Prévio de Impacto Ambiental e (b) Prévio de Impacto de Vizinhança. Esses dois estudos estão lá, citados, mas são letra morta do Estatuto da Cidade. Praticamente não são realizados, sobretudo no caso de Brasília, capital do Brasil.

- Não estabelece a menor prioridade para os Estudos (Prévios) de Impacto Ambiental e de Impacto de Vizinhança. Não são estudos prévios de praticamente nenhuma política urbana de expansão ou de requalificação das áreas que são continuamente assediadas por construtores e pelas iniciativas do mercado imobiliário. De um modo geral, o impacto de Vizinhança não implica em questões sociais, como os riscos de gentrificação e expulsão de populações ou de deterioração da qualidade das vizinhanças urbanas devidas à alterações no uso do solo ou nos índices de ocupação do solo urbano. Um importante documento elaborado na Câmara dos Deputados (2002), por sua Comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior, envolvendo a Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República, a Caixa Econômica Federal e o notório Instituto Pólis, chega a recomendar “muito cuidado” com o uso desse perigoso instrumento. Há o risco de a comunidade falar demais, exigir demais, intransigir com as vontades políticas concertadas nos lobbies palacianos, da construção civil e da indústria imobiliária.

Não sei se se me faço entender, mas é necessária a Advocacia Urbana dos interesses das comunidades urbanas contra essa concertação tão poderosa e enviesada, que conta com enormes e bem pagas equipes - que fazem o que o grande capital de grupos minúsculos mas poderosos, do empresariado urbano deseja implementar em nossas cidades. Em seu benefício, passando por cima de tudo e de todos. Esse é o início de nosso debate.



O TOM DA CONVERSA

FELIPE PORTILHO

Por Jorge Nassar
Pesquisa complementar Angelina Quaglia

Quem conhece a música que surge em Brasília, sabe da sua boa qualidade e sobre a quantidade de excelentes músicos que despontaram por aqui. Alguns grandes nomes, como é o caso de Mariele Loyola, vocalista das bandas "Escola de Escândalo", que depois de 30 anos ganhou um vídeo clip como presente (1) de Patrick Grosner e Cleon Homar, e do "Arte no Escuro", nos anos 80 e 90, e Rem Portilho, tecladista e pianista do grupo Mel da Terra, anos 70, viram despontar no filho Felipe Portilho um destes talentos de nossa capital.

Apesar de Felipe ser filho de músicos, e certamente possuir muito orgulho dos talentos de ambos, conseguiu com o seu próprio talento e carisma, um lugar sob os holofotes. Talentoso, tocou piano aos cinco anos, e aos doze anos tocava com os amigos do pai e em reuniões de família, tendo aos quatorze anos formado uma banda, a QUARTO DE LUA.

Suas letras delicadas e sensíveis o levaram a despontar numa novela, a ALMA GÊMEA, da Rede Globo de Televisão, além de produzir cantores como Arthur Aguiar.

Nessa entrevista o cantor e tecladista FELIPE PORTILHO conta um pouco mais sobre carreira e planos futuros.



Fotos cedidas pelo cantor / montagem Angelina Quaglia

VOCÊ NASCEU NUMA FAMÍLIA DE MÚSICOS, E TEM PROVADO QUE POSSUI MÚSICA NA VEIA. SEU PAI FOI INTEGRANTE DE UMA DAS MAIS EMBLEMÁTICAS BANDAS DE BRASÍLIA, O MEL DA TERRA LÁ NO FINAL DOS ANOS 70 E INÍCIO DOS 80. E SUA MÃE FOI VOCALISTA EM OUTRO ÍCONE DO ROCK BRASILIENSE, A ESCOLA DE ESCÂNDALOS. VOCÊ CERTAMENTE NÃO CONSEGUIRIA SE IMAGINAR EM OUTRO CENÁRIO QUE O MUSICAL, NÃO É? JÁ PENSOU EM OUTRA ATIVIDADE QUE NÃO FOSSE A MÚSICA?

Com certeza não, pra mim seguir a carreira musical foi muito natural pelo fato de me identificar desde muito cedo com a música. Mas acho que isso é uma opção pessoal também, os meus outros irmãos seguiram outras carreiras profissionais.

ALÉM DE SEUS PAIS E TODOS OS MÚSICOS COM QUEM VOCÊ CONVIVEU DESDE A SUA INFÂNCIA, QUAIS SÃO AS SUAS OUTRAS INFLUÊNCIAS, E COMO FEZ PARA CRIAR SEU PRÓPRIO ESTILO?

Eu sempre escutei de tudo com bons ouvidos, meu pai me dizia que toda música tem algo bom pra se tirar. Do erudito ao blues, do pop ao jazz, do samba ao choro, sempre escutei de tudo com esse pensamento. A partir disso fui criando o meu mundo cognitivo para compor as minhas músicas. Mas poderia citar aqui alguns; Debussy, Bach, Choppin, Jerry lee Lewis, Stevie Wonder, Herbie Hancock, Jonh Lord, Keith Jarret, Milton Nascimento, Djavan, Lenine, entre outros....

VOCÊ VIVEU EXPERIÊNCIAS MUSICAIS MUITO INTERESSANTES ACOMPANHANDO MÚSICOS DE VERTENTES BEM DISTINTAS. SER ECLÉTICO É O SEGREDO PARA CONSEGUIR TRANSITAR ENTRE TANTOS PALCOS DISTINTOS?

Com certeza, e vai desse pensamento de não ter um ouvido preconceituoso em relação a nenhum estilo. No palco o músico fica exposto e não pode mentir, se não fizer aquilo com amor o público percebe e você acaba desagradando. O segredo é sempre fazer o que se propõe com verdade, que dessa forma tudo dá certo.



Fotos cedidas pelo cantor

COMO MÚSICO FEZ SUCESSO COM A BANDA COGUMELO PLUTÃO, COM O HIT CHICLETE ESPERANDO NA JANELA, E COMO COMPOSITOR COM A MÚSICA UMA VEZ MAIS, QUE FOI TRILHA DE NOVELA DA GLOBO. COMO É A SENSACÃO DE ATINGIR UM GRANDE PÚBLICO E VER SUA OBRA REPRODUZIDA POR INÚMEROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO?

É uma sensação indescritível, muito recompensadora e imprevisível tb. Nenhuma das músicas que fizeram sucesso eu achei que fosse acontecer, acreditava mais em outras músicas do disco por incrível que pareça! Mas a música tem isso, quando você se entrega totalmente ela te recompensa, e ela não aceita menos que isso. O importante é estar sempre produzindo, compondo e exercendo a arte de alguma forma, dessa maneira você acaba colhendo bons frutos, mas os frutos não devem ser o objetivo, eles surgem naturalmente através da sua entrega.

VOCÊ PRODUZIU UM CD AUTORAL MUITO BOM, QUE EU INCLUSIVE OUVI MUITAS VEZES. A MÚSICA QUERO TEM UM CLIP CUJAS LOCAÇÕES SÃO TODAS EM BRASÍLIA, O QUE PERCEBE QUE VOCÊ VALORIZA AS SUAS RAÍZES. VOCÊ RADICOU-SE NO RIO DE JANEIRO UM TEMPO, E DESENVOLVEU BONS TRABALHOS POR LÁ. A CENA DO RIO E DE BRASÍLIA SÃO MUITO DIFERENTES? COMO ANDA O MERCADO PARA OS MÚSICOS EM GERAL? VIVEMOS UMA CRISE DE PÚBLICO?

Obrigado pelo elogio! Eu tenho um carinho muito especial por esse disco, ele é fruto de muita verdade. O mercado mudou, eu ainda peguei uma época onde existia investimento das gravadoras e com a modernização das tecnologias digitais hoje em dia o artista ficou desamparado. Por outro lado com as redes sociais o artista consegue lançar o trabalho com uma facilidade nunca vista antes, e também é possível gravar o disco e o clipe com poucos recursos. A evolução tecnológica está em constante movimento e temos que nos adaptar a ela né, não tem saída.

ALÉM DE MÚSICO ACOMPANHANTE, VOCÊ É COMPOSITOR E PRODUTOR ARTÍSTICO. ACHA IMPORTANTE PARA O MÚSICO SABER TRABALHAR EM VÁRIAS FRENTES? ONDE VOCÊ BUSCA MOTIVAÇÃO PARA AS ATIVIDADES QUE DESEMPENHA?

Hoje em dia para viver de arte no Brasil você tem que se virar nos 30, infelizmente somos muito desvalorizados. Mas eu sempre busquei estar ativo em áreas ligadas a música, como produção

cultural e artística. Produzi o disco de vários artistas também, área na qual sinto muito prazer em trabalhar, estimula o meu lado criativo e me força a estar sempre atualizado com o mercado também.



Fotos cedidas pelo cantor



Fotos cedidas pelo cantor

A PANDEMIA CAUSADA PELO CORONAVÍRUS FEZ COM QUE O MERCADO DA MÚSICA, DE ESPETÁCULOS E AFINS MIGRASSEM PARA AS PLATAFORMAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS. O DIGITAL TERÁ CADA VEZ MAIS RELEVÂNCIA NO UNIVERSO MUSICAL?

Eu acredito que sim, mas também sinto uma certa falta de preocupação com a arte em si por parte dos novos artistas. Hoje em dia com essa coisa da velocidade, os novos artistas tem se esquecido do principal, que é o conteúdo, letras inteligentes e pertinentes. Sinto falta disso no atual *mainstream* (2) Brasileiro. Antigamente existia um filtro das gravadoras pelo menos que forçava os artistas a produzirem algo de maior qualidade, assunto e relevância . A facilidade de hoje tirou muito disso, nesse quesito eu acho muito negativo.

O UNIVERSO MUSICAL É MUITO RICO EM HISTÓRIA, ALGUMAS ATÉ HILARIANTES. CONHECE ALGUMA QUE PODERIA COMPARTILHAR CONOSCO?

História é o que não falta, mas tem uma que acho interessante. Certa vez em um evento que íamos tocar o baterista esqueceu o bumbo, ficamos desesperados porque não tínhamos como resolver a tempo. Ele pegou um case e montou no lugar do bumbo, mandou microfonar. Rapaz, não é que deu certo? Hahahaha. Fizemos o show, e vida que segue.

HORA DE TE BOTAR NA FOGUEIRA! VOCÊ JÁ ACOMPANHOU MÚSICOS DE RENOME NACIONAL E INTERNACIONAL, E OUTROS NEM TANTO. SEM DESMERECEER OS DEMAIS, QUAL A PARCERIA NO PALCO QUE VOCÊ GOSTARIA DE REEDITAR?

Poxa, uma fogueira muito grande essa. Mas uma parceria que sempre deu muito certo é com o Alexandre Carlo, do Natiruts. Tive a oportunidade de fazer a direção musical do disco solo dele "Quartz" e tivemos uma sintonia musical muito boa. O próximo disco do Natiruts conta com uma participação minha em uma das músicas, e agradeço demais pela confiança e força que ele sempre deu ao meu trabalho.

ALGUM PROJETO A VISTA?

Estou reunindo músicas do meu pai Remy Portilho, que faleceu recentemente e tem um trabalho maravilhoso que não foi lançado . Vou produzir este disco, vai contar muitas participações legais e estou feliz de estar fazendo isso, uma maneira de homenageá-lo e eternizar a sua obra.



FELIPE PORTILHO



Notas:

1- A banda da mãe de Felipe Portilho, Mariele Loyola, ganhou o clipe a fim de homenagear o guitarrista da banda, Fejão, já falecido.

2- *Mainstream* é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. Traduzindo literalmente, mainstream quer dizer "corrente principal" ou "fluxo principal".



GOURMET É CARO!

Por RUBENS PERLINGEIRO

Por razão que explicarei adiante, tomei pavor do adjetivo "gourmet". Quando começou a ser utilizado tinha o significado de "s sofisticado", mas de uns tempos para cá virou sinônimo de "caro", mais precisamente "extorsivo". Um mísero brigadeiro "gourmet" pode custar uns cinco reais, quantia com a qual sou capaz de fazer uma bandeja desses apaixonantes docinhos, e todos do tamanho de bolas de tênis.

Há poucos dias, no Rio de Janeiro, resolvi, em um espasmo de extravagância, comer um cachorro-quente "gourmet" em uma lanchonete recomendada por um ex-amigo (a partir dessa indicação). Em Brasília, um "fome-zero" desses, com salsicha e alguns complementos que o tornam uma refeição, custa em torno de dez reais. Em Ipanema, pensei, terra da famosa "Garota", que hoje deve ser bisavó, quanto poderia custar um sofisticado "hot-dog"? Quinze reais? Está bem. Ao levar em consideração o fato de ser um local turístico e aprazível, eu concordaria em pagar esse valor. Afinal, era "gourmet".

Quando veio a conta, quase tive um infarto. Por um famigerado pão com salsicha, com uma camada transparente, quase invisível, de queijo "cheddar" genérico, derretido em cima, paguei, entre lágrimas, 38 reais. A garrafinha de água mineral, que cometi a audácia de incluir no pedido, tirou oito reais do "resíduo morto" de minha conta bancária. Por esse valor eu poderia ir a Fátima, pedir a benção de Nossa Senhora e ainda beber água benta.

Moral da história: basta ouvir a palavra "gourmet" para minha pressão subir, aliás, na mesma proporção em que aumenta o preço!

Rubens Perlingeiro (Nero G. Pireli)



REFLEXÃO DE NATAL!

Por André Berçott



Chegou mais um Natal!

O que parece ser mais um Natal, é na verdade **“O NATAL” ! Opa! O Natal?** Como assim? Diante de tantas incertezas, como pode ser **“O NATAL”**? Calma, que eu explico. O Natal é uma data que tradicionalmente estamos e falamos de família, de caridade, de solidariedade, e de coletividade, enfim, de assuntos que muitas vezes deixamos de lado ao longo do ano, seja pela correria ou pelo fato de não praticarmos essas ações.

Então? Compreendeu meu ponto de vista? Pelo simples fato de estarmos vivendo um momento de tanta nebulosidade, que é este de agora, com uma pandemia, ou deveria ser **“O NATAL”** da reflexão sobre os conceitos de vida, de coletividade, de empatia, de amor, e sobretudo, de respeito e mais ainda de união, ou não valeria a pena. Não concordam comigo?

Assim sendo, cabe aqui uma reflexão: Até que ponto estamos dispostos abrir mão de mais um Natal para termos “ O NATAL”? Já que o bom velhinho está no grupo de risco, por que não, ao invés de trocarmos presentes, não trocamos amor? Um amor representado pelo distanciamento social, pelo NÃO aos eventos sociais e as confraternizações, aos abraços, enfim, a tudo aquilo que era marca dos outros Natais, mas que nesse não poderá existir!

Este não será, apenas, o Natal, das vídeo chamadas e das ceias individualizadas, mas, sim o Natal da vida e da humanidade, do respeito aos outros, da consciência pelo coletivo e por tudo que temos visto, muitos ainda não aprenderam!

UM FELIZ NATAL PARA TODOS, COM MUITO AMOR!



BICENTENÁRIO!

Por Raul Torres

Há anos que Brasília busca seu espaço como grande destino turístico brasileiro. Não lhe falta potencial para tanto, mas uma grande oportunidade . Ou melhor, faltava. A celebração de nosso **bicentenário, em 2022, quando comemoraremos os 200 anos de nossa independência**, poderá ser uma excelente ocasião para a mudança de patamar de uma capital cujos atrativos não costumam constar nas sucessivas listas de locais mais visitados do País. Ao contrário de outras capitais mundo afora, em geral fundamentais para o turismo de seus respectivos países, o nosso Distrito Federal não está nem sequer entre os cinco principais portões de entrada do Brasil.

Alguns fatores contribuem para a posição historicamente secundária de Brasília no cenário turístico nacional: sua juventude; seu caráter administrativo; a pecha de cidade corrupta e fria; o estigma de que bastam dois dias para conhecê-la bem; sua menor relevância econômica em comparação às grandes metrópoles do sudeste; e o desconhecimento, no exterior, de sua condição de capital.

Um evento de grande porte, como o do bicentenário, possibilitaria tanto a reavaliação dos estigmas quanto a superação de deficiências reais. Vale lembrar , como exemplos, a contribuição da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, e das Olimpíadas de 1992, em Barcelona. O mundial de futebol abriu a possibilidade para que os alemães mostrassem uma imagem diversa daquela deixada pela II Guerra Mundial. Os Jogos Olímpicos de Barcelona, por sua vez, alavancaram o turismo da cidade, que evolui de um estágio de estagnação, no qual se encontrava até uns anos antes, para o de uma cidade moderna e estruturada para receber turistas.

Além dos já citados acima, uma celebração como essa poderia produzir os seguintes benefícios: geração de empregos, em um contexto de alta taxa de desemprego; ingresso de divisas conversíveis, tais como o dólar e o euro, devido à presença de turistas estrangeiros; alavancagem, finalmente, do turismo cívico da cidade, uma de suas vocações, em razão do civismo que sói emergir em tais ocasiões; estruturação da capital federal para o promissor e pouco sazonal segmento de eventos; diversificação do turismo brasileiro, muito dependente do segmento de negócios, levando-se em conta a perspectiva de queda no volume das viagens de negócios, em razão de novas tecnologias; e exposição da cidade na mídia, algo fundamental para atração de turistas em um mercado turístico cada vez mais competitivo.

Um ganho adicional, que merece parágrafo à parte, é o efeito unificador que o evento poderia produzir. Isso seria essencial para o País, que vem atravessando um período de polarização política preocupante. Cabe lembrar que o centenário, no tenso ano de 1922, teve esse papel de unificação, em um momento de antagonismo que opunha o movimento tenentista e os oligarcas da República Velha.

Por fim, merece menção especial a possibilidade de iniciativas na área da cultura. O centésimo aniversário de nossa autonomia política ficou marcado, é bom lembrar, pela famosa Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 22, que viria a se tornar referência, nas décadas seguintes, para grande parte da produção cultural de qualidade verificada no País. Se figuras como Mário de Andrade e Menotti Del Picchia saíram praticamente consagrados daquele evento, não obstante as limitações dos meios de comunicação da época, pode-se imaginar o nível de projeção que o segmento cultural brasileiro poderia alcançar com os recursos tecnológicos dos dias atuais.

O Curso de Turismo da UPIS, um dos pioneiros brasileiros na formação de mão de obra para o setor turístico, enxerga o bicentenário como uma grande oportunidade de alavancar o turismo da capital federal. Para tanto, faz uso deste espaço, que lhe foi tão gentilmente cedido, com a finalidade de fazer um chamado a todos que compartilhem a visão de que se trata de uma grande oportunidade. **Algum interessado?**

PROFESSOR RAUL TORRES
COORDENADOR DO CURSO DE TURISMO DA UPIS

CONHEÇA MAIS **SOBRE A OBRA**
e seu restauro



INDEPENDÊNCIA OU MORTE
Autor Pedro Américo - 1895



PARABOLOIDE.

Toda a equipe deseja que os seus

sonhos realizem-se:
Incubadora de Ideias

**FE
LIZ
NA
TAL**

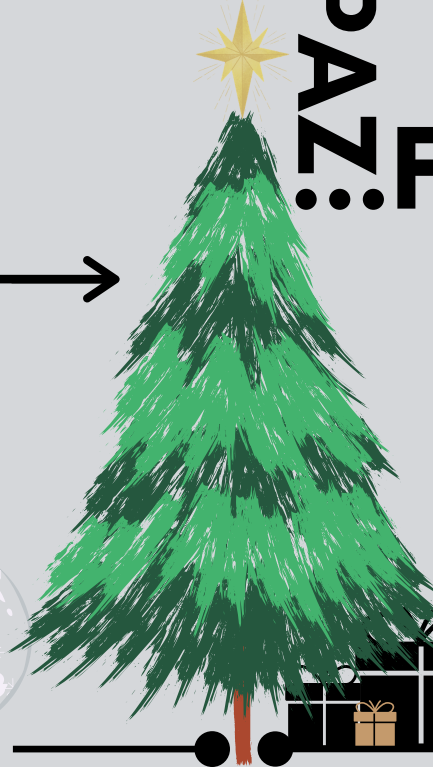
2021

**DE
AM
OR...**

**PAZ...
FÉ!**



Além de muitas
publicações
e projetos
de arquitetura,
cursos...



(+5561) 981772538 / 99914-0061

PARABOLOIDE.COM
WWW.PARABOLOIDE.COM

**Revista 15.47 de arquitetura, arte, patrimônio e cultura.
PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, n. 02 (dezembro - 2020) Brasília - Brasil - Online**

Bimensal

Sumário Português

Disponível em :<https://paraboloide.com/revista-15-47>

0200202015479

**1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design
8-música 9-Lazer 10-turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo**

DIREÇÃO EXECUTIVA, DIREÇÃO DE ARTE E EDIÇÃO:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

DIRETORIA E EQUIPE EDITORIAL:

PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA
MALU PERLINGEIRO
RUBENS PERLINGEIRO
JOÃO DINIZ
RENATA CORREA
BEATRIZ NARDELLI QUAGLIA BERÇOTT
LUCIANA AZEVEDO
JÉSER JUNIOR
FREDERICO FLÓSCULO
JULIANA RAMPIM FLORÊNCIO
ANDRÉ LUIZ BERÇOTT

REVISÃO GERAL:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
ANDRÉ BERÇOTT

REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA:

BEATRIZ NARDELLI QUAGLIA BERÇOTT
ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA

FOTOGRAFIA DE CAPA:

JOÃO DINIZ

FOTOGRAFIA DE ÍNDICE:

JOÃO DINIZ / ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

AGRADECIMENTOS AOS FOTÓGRAFOS E GALEIRAS:

MET - NY; JULIANA RAMPIM FLORÊNCIO, FÁBIO COURADO,
ARTITUDE; ORLANDO BRITO; VIVIANE DE MORAES; ADRIANO DISTRAÍDO.

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538